MUSEU DO FUTEBOL

Centro de Referência do Futebol Brasileiro

FGV CPDOC

História Oral

Futebol, Memória e Patrimônio - Oscar

Data: 22/06/2012
Entrevistado: José Oscar Bernardi (Oscar)
Entrevistadores: Bernardo Buarque de Hollanda e Felipe dos Santos
Local da entrevista: Águas de Lindóia / SP
Transcrição: Fernanda de Souza Antunes e Thomas Dreux

Apresentação

"Futebol, Memória e patrimônio: projeto de constituição de um acervo em história oral para o Museu do Futebol", uma parceria entre o Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil da Fundação Getúlio Vargas (CPDOC/FGV) e o Museu do Futebol, teve por objetivo a constituição de um banco de depoimentos orais (registrados em áudio e vídeo), com jogadores de futebol que participaram do selecionado brasileiro em Copas do Mundo, entre 1954 e 1982. O mapeamento da participação brasileira em Mundiais compreendeu o registro e a análise das histórias de vida desse conjunto de protagonistas. Tendo em vista a realização da próxima Copa do Mundo no Brasil em 2014, a finalidade é fornecer subsídios documentais para que se possa articular a memória esportiva à memória coletiva e à história política do país, durante os últimos oitenta anos, em uma perspectiva crítica e diacrônica.

Os referidos depoimentos foram registrados, tratados e analisados por pesquisadores do CPDOC/FGV, em parceria com técnicos, pesquisadores e investigadores do Museu do Futebol, a fim de constituir um acervo comum a ambas as instituições. A formação deste corpus documental permitirá que se registre e analise o relato de figuras centrais do futebol profissional brasileiro, em particular atletas que se tornaram figuras emblemáticas da identidade nacional.

O projeto reuniu o montante de 55 entrevistas com ex-jogadores (apenas um dirigente, João Havelange, foi entrevistado), que somadas geraram mais de 120 horas de gravação. Cada entrevista têm em média duas horas e meia de duração, e busca percorrer a trajetória do futebol e de vida de cada jogador. O processo de pesquisa, pré-produção, produção e pós-produção de todo material produzido e coletado, ocorreu entre maio de 2011 a novembro de 2012.

As entrevistas em história oral ficarão acessíveis na Biblioteca e Midiateca do Centro de Referências do Futebol Brasileiro (CRFB/MF), e já estão disponíveis virtualmente, em versão editada pelo site do CPDOC/ FGV[1]. O material decorrente da pesquisa também dará origem a outros dois produtos: um livro e um DVD, ficando aberto ainda a futuros pesquisadores e propiciando novas interpretações analíticas sobre o papel dos esportes na construção coletiva da memória nacional.

1 http://cpdoc.fgv.br/museudofutebol

Transcrição

(INÍCIO DO ARQUIVO I)

Bernardo Buarque - Boa tarde. Águas de Lindóia, vinte e dois de junho de 2012, depoimento de José Oscar Bernardi, o Oscar, ex-jogador da Seleção Brasileira, da Ponte Preta e do São Paulo. Participam deste depoimento os pesquisadores Felipe dos Santos e Bernardo Buarque. Esta entrevista faz parte do projeto Futebol, Patrimônio e Memória, que é uma parceria entre o Museu do Futebol e da Fundação Getúlio Vargas. Oscar, boa tarde, muito obrigado por ter aceito nos dar esta entrevista, por nos receber aqui em seu resort em Águas de Lindóia. Nós gostaríamos de começar falando sobre a sua infância, você nasceu aqui perto e que falasse sua data de nascimento, local.

José Oscar Bernardi – Muito obrigado pelo convite de participar, de perpetuar com grandes nomes do futebol brasileiro, é uma honra para mim também fazer parte desta entrevista. Meu nome completo, como você disse, é José Oscar Bernardi, eu sou nascido aqui a quinhetos metros da onde nós estamos, que aliás aonde nós estamos hoje era a fazenda do meu falecido avô, eu recebi o terreno de herança da minha mãe. Mas nasci do outro lado da divisa, da fronteira, que é Monte Sião. Joguei como amador aqui em Águas de Lindóia e nas cidades circunvizinhas de Jacutinga, Socorro, de Borda da Mata e Monte Sião também até a chegada na Ponte Preta. Minha data de nascimento é dia vinte de junho de 1954, vou revelar aqui [risos]. Coisa que ninguém gosta depois de passa dos quarenta, mas na verdade o interessante é a gente estar conseguindo ainda correr, bater a bolinha e ter a saúde. Então estou a sua disposição no que puder colaborar e ajudar aí nesta entrevista.

B. B. – Você falou do seu avô, da sua mãe, fala um pouquinho da sua família, do seu pai, desde que você nasceu.

J. B. – Eu nasci aqui em Monte Sião, uma cidade aqui de Minas, do interior de Minas, bem aqui ao lado, uma cidade pequena que é mais conhecida pelo tricô,

pelas malhas que faz. Se eu, com certeza, não fosse um atleta de futebol, eu estaria também fazendo tricô. Não com agulha, no crochê, este tipo de coisa, mas Monte Sião hoje passou a ser uma cidade assim bem, máquinas bem industriais mesmo, a cidade vive disso. A minha mãe foi uma das pioneiras que começou nesse trabalho de tricô e o meu irmão, o mais velho, que era um dos jogadores mais conhecidos da região, que jogava melhor aqui na cidade, na Associação Atlética Montessionense, no clube. E Eu gostava muito de vê-lo jogar, de poder acompanhar seus jogos e tal, embora eu tivesse uma diferença de vinte e dois anos dele para comigo, porque ele ficou filho único durante dezenove anos, depois é que vieram mais cinco filhos da minha mãe [risos]. Mas ele era, de fato, um jogador que não quis ser profissional porque a intenção dele era estudar, se formou em advogado e depois ingressou na carreira política, foi por três vezes aí prefeito da cidade de Monte Sião. Mas eu me espelhei muito nos jogos dele, no time da época que ele jogava, e isso me deu uma vontade muito grande de ser jogador. Não torcia para time nenhum, não era garoto vidrado em torcer para um time, para outro, mas como jogava muitos jogos, com quinze anos jogava no meio dos adultos, já de vinte, vinte e poucos anos, eu recebi um convite para jogar aqui nas cidades circunvizinhas, como eu disse anteriormente. E recebi em um jogo final que nós disputamos aí a final com a cidade de Itatiba, tinha um olheiro da Ponte Preta, que foi o seu Mario Giuliato, que foi meu primeiro treinador, eu devo muito a ele também, gostaria de frisar bem aqui, que foi quem me deu oportunidade. Eu desisti por duas vezes de ser jogador, não queria, porque a gente nunca espera, por mim próprio eu não queria ser jogador, eu queria ficar ao lado da minha mãe do meu pai, tinha aqui a vidinha boa do interior, vindo na fazenda do meu avô e aquelas coisinhas todas que a gente tem no interior. Mas as coisas acontecem muito de repente na vida da gente e eu não estava preparado para deixar a cidade aqui de Monte Sião para ir para Campinas, uma cidade que já me assustava assim pelo volume de gente, pela cidade, pela distância, eu ter que me afastar da família, então me chocou bastante e eu cheguei até a rezar muitas vezes para eu jogar mal, para machucar, para voltar para casa. É verdade. Mas as coisas vão acontecendo na vida da gente, meu sucesso foi rápido, o próprio Mário Giuliato, que me levou, acabou tendo a oportunidade com a desistência, com a despedida de um treinador do profissional e passou de imediato a ser o treinador do time profissional, ele sabia minha qualidade, já me chamou para

o time de cima, então foi assim, a minha carreira deu um salto muito grande em um ano, sabe foi muito rápido. Eu estava lá na Ponte Preta em uma tarde de sábado sentado lá em frente do estádio, tem uma estátua do Moisés Lucarelli, que todo mundo conhece, o pessoal depois do almoço ficava muito sentado ali no mármore da estátua. Então nós estávamos sentados ali e seu Mário chegou para mim - ele me chamava de italiano - e disse: "O Italiano, eu acho que vou precisar de você amanhã". E eu nunca gostava de ficar lá na Ponte Preta para assistir os jogos na Ponte do profissional. Eu gostava sempre de voltar para casa, para ver a família, ver minha mãe. Para mamar aqui na mãe [risos] no ombro da mamãe. Então a Ponte ia jogar com o Santos, e eu falei: "Bom, agora eu quero ver, vou ficar aqui para ver o Pelé, quero ver o Clodoaldo, o Edu. Não vou perder esta oportunidade, vou ficar aqui". Aí eu estava sentado e ele disse: "acho que vou precisar de você amanhã". Eu falei: "Mas para que será, o que o senhor precisa?". Falou: "o zagueiro Araújo não renovou contrato. Se ele não renovar eu posso contar com você?" Puxa vida, eu falei: "pode", mas que cara burro, esse cara está com brincadeira. Falou: "Então você vai dormir hoje lá com o profissional, você dorme do outro lado, porque lá é dividido, um lado é do amador e do outro do profissional. Então você dorme lá com o profissional.". Aí chegou no dia seguinte, na realidade o Araújo não renovou contrato e eu acabei sendo escalado e joguei contra o Santos. Então foi assim que as coisas aconteceram comigo, foi muito rápido, aí já contra o Santos. Aí a Ponte jogou e venceu de dois a um e eu continuei no time, não tive nenhuma coisa mal feita em campo, fui discreto, acabei continuando mesmo tendo dezoito anos de idade. Então foi assim o meu início de carreira lá em Campinas. Depois acabei fazendo mais ou menos oito anos de titular da Ponte.

B. B. – Falamos um pouquinho da sua família. Então seu avós já eram estabelecidos aqui?

J. B. – É. Aqui mais ao lado era a casa dos meus avós. Eles são nascidos aqui no sítio, antes parecia muito longe de Monte Sião, mas hoje a cidade encostou aqui na casa que era dele aqui, tem aquele foto ali com a casa dele ali. E esse lugar que nós estamos aqui era chamado por ele, que meu avô morreu com noventa e um anos, noventa e dois anos, ah, desculpa, noventa e quatro anos, e aqui era chamado o Pasto da Tropa. Pasto da Tropa significa aonde é que

ele guardava os animais de lida, que era para fazenda, para café, para milho e outras coisas que ele tinha. Então aqui é chamado Pasto da Tropa. Hoje nós temos estes campos aqui e parte dos outros campos nós também chamamos parte do que é o campo do Pasto da Tropa, que continuam chamando eles lá.

B. B. – Você falou que na Ponte Preta você era chamado de italiano. Tem origem italiana na família?

J. B. – Eu tenho, eu tenho passaporte italiano, a família toda, meus filhos também já receberam. Nós somos da cidade de Lucia, província de Rovigo lá na Itália. Por enquanto, para mim, é só para viajar que eu uso isso, questão de filas em aeroportos, essas coisas. Mas para os filhos acho que já é uma boa coisa, eles podem ter um campo mais aberto, para até, quem sabe, para trabalhar, ou seja para estudar, já tem alguns certos benefícios melhores.

B. B. – Você falou da sua mãe. Fale um pouquinho do seu pai.

J. B. – O meu pai, ele que é o sobrenome Bernardi, ele foi de uma família que vieram para cá da Itália e se estabeleceram aqui. A maioria dos irmãos deles eram músicos, e a outra metade trabalhava com sapatos, confecções de sapatos, sapateiros. E lá na Itália, inclusive em Milão, eu vi uma loja de sapatos Bernardi, que você já pensa que é oriundo a família trabalhar com esse tipo de coisa. Aqui também trabalharam muito tempo com isso, meu pai aqui foi caminhoneiro, foi romeiro. Não era uma família de dinheiro, mas era uma classe média que sempre trabalhou, que precisou trabalhar para criar seus filhos. Então foi isso, uma pessoa muito humilde que me deu muitos princípios, uma educação não rígida, porque meu pai não era de bater, nunca relou a mão em mim nem nada, mas acho que mais na parte de demonstração, de exemplos, de atitudes. Acho que nós recebemos um bom caráter na família.

B. B. – Era uma família religiosa?

J. B. – Família muito religiosa, todos católicos e praticantes. A minha mãe era muito ativa na igreja, ajudou a construir essa igreja da cidade de Monte Sião, que hoje passou a ser um santuário. Então eu acho que é uma família tradicional, foi um dos primeiros tradicionais destas famílias oriundas da Itália

que chegaram aqui. São muito bem conhecidos. Tem mais... Nós somos em três irmãos, tenho dois irmãos que, como eu disse, levaram para o lado do direito, da advocacia. Um é estabelecido aqui, ainda tem um cartório, e as outras três, eu tenho mais duas, eu sou formado em fisioterapia pela PUC[2] de Campinas e eu tenho mais duas irmãs também fisioterapeutas formadas lá em Campinas, e tem uma mais velha, minha irmã mais velha é formada em pedagogia. Mas eu nunca atuei e nem elas também atuaram como fisioterapeutas. Depois que casaram seguiram a vida ao lado dos maridos, que eram comerciantes, e foram direcionadas mais para o tricô mesmo.

B. B. – Você disse que tinha um irmão mais velho que já era jogador de futebol.

J. B. – Isso.

B. B. – Como os pais e a família viram a sua carreira como jogador?

J. B. – Eu fui jogador porque meus pais insistiram bastante. Aliás, meu pai mais. Quando fui me apresentar lá em Campinas na primeira vez eu fui para conversar, na verdade eu tinha... eu relutava para não sair e ele falou que iria me levar para conversar com o seu Mario Giuliato. E quando eu cheguei lá ele perguntou: "Mas você trouxe alguma coisa?". Eu falei que não, eu queria voltar para cá ainda, ver se ia, já ia enrolar mais um pouco [risos]. Aí meu pai falou: "A mala dele está aí sim". Eu falei: "Onde está minha mala? Eu não trouxe mala". Ele falou: "Não, está no porta-malas, você já veio para ficar". [risos]. Aquele dia eu chorei, cara. Ele foi embora e me enganou, mas foi por... A gente garoto não alcança aquilo o que esperam da gente. Então ele pedia para o meu professor e para o treinador daqui me dar conselho para eu ir, até porque eu fui uma vez e voltei e não queria ir mais. Foi uma luta até eu chegar a ser jogador. Porque, muitos querem, eu tinha qualidades, acho, naquela época, mas não queria. Não queria deixar a vidinha. Essas coisas que vão te empurrando pelo caminho, não é?

B. B. – E mesmo porque uma das imagens que a gente vê nas gravações é que jogadores diziam que na época em que eles começaram, o jogador de futebol

2 Pontifícia Universidade Católica.

eram muito mal vistos. Era visto até muitas vezes até como um cafajeste, havia uma resistência da família. O seu caso parece que foi contrário. O seu pai, houve estímulo.

J. B. – É, houve estímulo, ele queria que eu fosse. Lógico que eu não peguei essa época toda aí, mas na época que eu jogava eu acho que não viam em ser jogador com maus olhos, não era assim. Não tinha uma fama ruim, tinha sim uma fama boa, eu achava que era bonito, mas estava muito distante de mim, eu achava que eu não ia conseguir chegar, o que eu teria que fazer para chegar em um nível profissional. A gente quando é garoto, a gente não pensa muito nisso. Hoje a gente vê que os moleques já são muito mais ativos, são mais desinibidos, mais atirados, não são muito apegados na família, ou até são, mas já são... já tem um outro comportamento. Eu vejo garotos que vem aqui para fazer treinamentos aqui no meu clube, com quinze anos sozinhos se prontificam a querer vir treinar, eles mesmos entram em contato por email. É uma coisa difícil, acho, de uma atitude de um garoto. Eu não tive essa dinâmica toda não, de partir de mim mesmo. Eu fui empurrado mais ou menos assim para ser jogador. Fui pego é no laço.

B. B. – E você também, ao contrário da maioria dos jogadores, você conseguiu ter uma formação de nível superior, uma formação universitária, já atuando como jogador da Ponte Preta.

J. B. – Sim, quando eu fui para o Ponte Preta, eu dei essa desculpa que eu queria primeiro queria terminar meus estudos aqui. E como aqui em Monte Sião a cidade era muito pequena na época, não tinha colegial e tal, eu tinha que fazer em outra cidade da região aqui mesmo, aí aproveitei e fui em Campinas e fiz lá o colegial. Ao lado do campo da Ponte, entre e Ponte e o Guarani tem lá o Ginásio [inaudível] e acabei me formando lá. Ai prestei a faculdade, o vestibular, e passei em fisioterapia. Como a gente viajava muito, e nosso curso era pela parte da manhã, era das sete ao meio-dia, uma hora da tarde. Então eu, lógico que tive que perder muitas aulas uma vez ou outra, mas compensei, fiz um ano a mais de faculdade para compensar as perdas e fiz estágio nos hospitais. Mas eu fiz um contrato com a Ponte Preta, na época a Ponte também me ajudou muito porque a Ponte geralmente lá em Campinas treinava em dois períodos e eu no meu contrato exigi liberdade na parte da manhã para eu ir à faculdade e

treinava somente à tarde, entendeu? Mesmo que à tarde não tivesse treino no clube, eu treinava sozinho. Então foi assim que eu consegui fazer faculdade, que era uma coisa minha de querer fazer uma faculdade, não via assim eu somente jogando bola.

B. B. – Você já vislumbrava que...

J. B. – Vislumbrava alguma coisa depois, porque futebol para mim era incerto. Se eu não desse certo em dois anos, três anos, eu ia ter de recomeçar todos meus estudos e ia perder tempo.

B. B. – Ao contrário de seus colegas da Ponte Preta. Alguns...

J. B. – Alguns faziam também, alguns faziam também à noite outros cursos, mas o de fisioterapia não tinha parte noturna, aliás hoje é integral, não tem parte da manhã ou parte da tarde, hoje já é mais integral.

B. B. – Você disse que você não tinha um time específico. Quando você começou a jogar na Ponte Preta como é que foi esta relação com o clube, quer dizer, o que você acompanhava já do futebol, quais eram as formas? Pelo rádio, pela televisão? Em 1973 o Brasil já era tricampeão do mundo, que lembranças você tem de Copas do Mundo naquela época?

J. B. – Ah, eu me recordo muito... De 1970 eu lembro muito pouco, mas eu acho que na Copa de 74 ficou mais visível para mim, [O Brasil ainda tinha um time bom][3], jogou contra a Holanda e você sabe que eu gostava muito do time da Holanda quando estava jogando, sempre encantou. É lógico, em 1970 a gente conhecia mais... como eu disse para você eu não era muito ligado em nome de jogador, em nome de clube, então, lógico que em Copa do Mundo você fica ligado, lembro muito de lances de Pelé, de Amarildo, de Rivelino, do Zagallo, dessa turma toda, do time em si. Mas era somente da Seleção, em clubes não era focado, não.

Felipe Santos – E o papel de ídolo, como você disse, teu exemplo era mais

3 Mais próximo do que foi possível ouvir e grafar.

ou menos só o teu irmão mesmo? Você não se espelhava em nenhum outro jogador famoso?

J. B. – Era mais o meu irmão. Depois que eu comecei a jogar, sim, que eu comecei a prestar mais atenção, que eu gostava muito de ver jogar, que eu achava um colosso, era o Luís Pereira; o Figueroa[4], do Inter; o Amaral[5], do Guarani, que eram os jogadores que eu mais achava os melhores do momento naquela época.

B. B. – E o encontro desta posição. Você escolheu ser zagueiro, você desde o início jogava na defensiva?

J. B. – Não, eu era goleiro. Eu era goleiro e... Então aqui na região, às vezes, os caras me colocavam, queriam me botar de lateral e uma vez eu desisti. Falei: "se for para lateral não jogo mais", não fui mais no campo porque me colocaram de lateral e falei: "Eu não quero". Aí acabaram me posicionando ali de zagueiro, comecei de zagueiro e abandonei o gol. Mas eu comecei de goleiro, eu gostava de pular.

F. S. – Você falou que sua família era muito religiosa, que todo domingo você não perdia uma missa.

J. B. – É, ia à procissão.

F. S. – Vocês costumavam fazer peregrinações a Aparecida também.

J. B. – Todo ano, é verdade.

F. S. – Aos dezesseis anos você até fez um curso, algo do tipo como o cristão deve se comportar em sociedade.

---

4 Elias Figueroa, chileno, ex-zagueiro do Peñarol e Internacional – RS. Em 1974 foi eleito o melhor zagueiro da Copa do Mundo.

5 João Justino Amaral dos Santos. Ex- zagueiro do Guarani, Corinthians e Santos. Jogou também no futebol mexicano e esteve na seleção brasileira que foi à Copa do Mundo de 1978.

J. B. – Eu fiz no TLC, o Treinamento de Liderança Cristã, lá em Campinas. E foi também uma coisa muito boa, que me ajudou bastante, que acho, abriu bastante a minha cabeça sobre isso daí.

F. S. – E esse curso que você fez, esse comportamento ajudava você a se comportar em campo também, a exercer uma liderança que não precisava gritar nem brigar com outro companheiro, a exercer aquela liderança mais pelos exemplos, como você falou do seu pai, que não era uma pessoa enérgica, mas que se impunha pelos exemplos?

J. B. – Eu acho que a atitude dentro de campo, liderança, é uma coisa espontânea. Você não impõe. E eu sempre fui essa pessoa simples, humilde e nunca quis impor nada, nunca quis ser mais que ninguém. Então sempre fui capitão nos clubes que passei, mas foi escolhido pelo treinador, pelos companheiros, nunca fiz campanha para isso. Tanto é que teve uma época no São Paulo que eu mesmo me prontifiquei a dar a faixa de capitão para o Careca[6], que chegou e não estava em uma situação agradando tanto no início por ter muitos problemas de contusão. E ele estava substituindo o Serginho[7], que era um ídolo muito grande no São Paulo, e não estava jogando muito bem, torcida chiando, e ele também levando para um outro lado. E com a faixa de capitão ele acabou se levantando, pegando auto-confiança e foi embora. Então partiu de mim mesmo dar a faixa de capitão para ele, conversei com o treinador para fazer isso. Mas é uma coisa que a gente não consegue, eu não sei o por quê, como as pessoas te colocam nesta situação. Eu acho que é mais mesmo pelo dia a dia, pela convivência, talvez pelos pensamentos da gente é que você acaba se tornando um líder interno do grupo.

B. B. – Como é que foi jogar na Ponte Preta nos anos 1970? Já havia esta rivalidade com o Guarani? Como é que era, que lembranças você tem deste período?

J. B. – Eu acho que tinha mais rivalidade do que agora. Agora tem muito menos. Na época que eu comecei na Ponte Preta não podia botar roupa verde, não podia

6 Refere-se a Antonio de Oliveira Filho, o "Careca" ex-centroavante do Guarani, São Paulo, Napoli (ITA) e seleção brasileira.
7 Refere-se a Serginho Chulapa, então centroavante do São Paulo Futebol Clube.

ter carro verde... é aquele negócio, uma bobagem, mas eu estudava no Colégio que eu disse, o Vila [inaudível 23:20] e metade dos jogadores do Guarani também estudavam, eu tinha na minha classe jogadores do Guarani. Então, podia conversar, mas não podia ter amizade, sair com os jogadores do Guarani [risos]. Era isso, era uma rivalidade muito grande, a Ponte tinha um time bom, o Guarani também tinha um excelente time. Era uma rivalidade muito grande e isso seria mais acirrado quando se encontravam dentro de campo. Mas eu posso dizer para você que muitos jogadores ou a maioria dos jogadores do Guarani que eram meus adversários hoje se tornaram até compadres meus depois, quando eu fui jogar no São Paulo, na Seleção, fizemos boas amizades. É questão de momento, que a torcida, a imprensa cria aquele clima e a gente acaba entrando. Muitas vezes é até necessário, porque você está defendendo a sua parte, mas você sabe depois você vai para o outro lado e acaba perdendo toda essa rivalidade que é imposta. Lá em Campinas na realidade isso existe muito forte ainda.

B. B. – Tem algum momento, algum jogo, alguma situação desta passagem pela Ponte Preta que tenha te marcado, que tenha ficado na sua lembrança desses seis, sete anos de carreira...?

J. B. – Não tem assim um jogo, teve vários jogos. Era sempre uma semana tensa de Dérbi, de muitos comentários. Houve jogos lá em... no campo da Ponte que aconteceram brigas, sempre houve empurra-empurra, mas brigas isoladas, de um jogador bater, já receber o cartão e já ir embora para o vestiário. Mas sempre foi um jogo meio tenso, nunca é um jogo....Você quer um jogo normal? Não é. Não adianta dizer que não é. E é engraçado que os jogadores que jogam na Ponte e jogam no Guarani não são de Campinas, são de outros estados, mas vêm e acabam entrando no clima da rivalidade do torcedor e da imprensa, que criam aquela tensãozinha da semana. Mas isso aí não é só no profissional, na base também é igual.

F. S. – Você falou de seu primeiro jogo pela Ponte Preta, foi contra o Santos...

J. B. – Contra o Santos, no profissional, a Ponte ganhou, dois a um.

F. S. – A Ponte ganhou por dois a um. A partir dessa vitória e até dessa coisa

da competitividade também na base, onde a disputa por posições, até para dar certo no futebol era muito acirrada. Como é que você conseguia força para continuar persistindo nessa batalha, ainda que você continuasse duvidando se futebol ia ser uma coisa que daria certo?

J. B. – Então, o que acontece é o seguinte: que quando você vai, no início, você acaba tendo dúvida sabe? Aí, você vai fazer uma avaliação, você já acaba ficando e acaba recebendo a faixa de capitão do time. Aí, você começa a ser o destaque da equipe. Então você vai sempre galgando os seus degraus, e dali depois de seis meses, um ano, você já está com um caminho pela frente e não vai querer voltar mais atrás. Então as coisas vão te empurrando, os objetivos começam a ser maiores, aí você vai querendo buscar os objetivos. Foi o que aconteceu comigo, foi a mesma coisa. Aí vem o Campeonato Paulista, depois tem a Taça São Paulo, que todo garoto quer jogar, depois você quer uma vaga no time profissional, aí você quer uma seleção. E eu tive uma sorte muito grande que peguei uns amigos, um time muito bom que a Ponte formou ao meu lado, que tinha bons jogadores que também me ajudaram a crescer. Na época de 1977, que eu disputei o campeonato contra o Corinthians na final, nós não vencemos. A Ponte jogou os três jogos fora de casa e ganhamos um, perdemos dois, a final perdemos, mas a Ponte foi muito valorizada e os jogadores também. Então, com essa final, e eu era um jogador ainda muito jovem naquela época, eu despertei o interesse do treinador da Seleção que era o Claudio Coutinho, entendeu? Aí acho que por merecimento, com aquela imagem que deu, por tudo que aconteceu, um jogo transmitido para todo Brasil, valorizou todo mundo. E aí ele me chamou para as Eliminatórias da Copa do Mundo de 1978. Nós fizemos alguns jogos e inicialmente eu não joguei. Foi na Colômbia, era o Luis Pereira [8]o titular. Logo em seguida ele foi vendido para o Atlético de Madri e eu fiquei o substituindo na excursão que o Brasil fez pela Europa.

B. B.-Você não tinha jogado na Seleção Brasileira Juvenil?

J. B. – Tinha. Você começa com outros objetivos: a Taça São Paulo, a Seleção de Novos, que antigamente tinha a Seleção de Novos que disputava o Sul-Americano por aqui, e tinha também a Seleção Brasileira de Jovens que excursionava para

8 Ex-zagueiro, jogou pelo Palmeiras, Atlético de Madri e Seleção brasileira.

o Oriente Médio, Europa e eu também fui junto com alguns jogadores. O Muricy jogava neste time. Então foi assim que a gente foi buscando. E é o que eu estou dizendo, você já está lá na frente caminhando, buscando e crescendo, aí as coisas vão te empurrando e não volta mais.

F. S.-Você falou da importância que esse time da Ponte, que foi evoluindo até conseguir o vice-campeonato paulista em 1977, teve na sua carreira. Você lembra da escalação desse time, qual a importância desse time, como é que era o ambiente dentro desse time?

J. B. – Lembro, claro. A Ponte, na minha época que eu jogava, a Ponte tinha uma base muito boa, e me recordo que o seu Mario Giuliato me dizia que ele tinha sempre de dar sempre de três a quatro jogadores para o profissional todo ano, tinha que subir, para renovar o plantel e a Ponte não precisar contratar jogadores, pagar jogadores caros fora. Então eu fui um dessa leva aí que subiu junto com o time. No caso eu, Polozzi[9], o Carlos[10], o Moacir goleiro[11], o Zé Luiz, o [inaudível], o Wilson Zanon[12]. Todos jogadores que estou dizendo que chegaram a vestir a camisa de titulares da Ponte Preta. Todos começaram comigo na base, que eram meus amigos de juniores e que depois a gente já tinha entrosamento na base e acabamos continuando no time de cima. E a Ponte mesclou com alguns jogadores já mais experientes no caso do Dicá, o Tuta depois veio o Vanderlei, o Marco Aurélio, que também acrescentaram bastante para este time, o Jair Picerni, que era um jogador mais maduro, mas fez uma mescla muito boa.

B. B- Acabou que aquele jogo teve circunstâncias dramáticas porque o Corinthians vinha de vinte e três anos sem títulos, então havia uma mobilização da imprensa, da torcida, para que o Corinthians fosse campeão. Essa circunstância também...

---

9 José Fernando Polozzi, ex-zagueiro da Ponte Preta, Palmeiras e Seleção brasileira.

10 Refere-se a Carlos Gallo, ex-goleiro da Seleção brasileira, Ponte Preta, Corinthians, Atlético-MG.

11 Moacir Genuário, defendeu a Ponte Preta e a Portuguesa.

12 Wilson Roberto Zanon, ex-meio campo da Ponte Preta e Vasco da Gama.

J. B. – Pensa bem, não estou dizendo que seja uma coisa preparada, mas você há de convir comigo que jogar três jogos em São Paulo contra o Corinthians há vinte e três anos sem vencer nada, e um time do interior de Campinas, a Ponte Preta, não digo que seria um feito impossível, mas era uma coisa muito difícil de acontecer. Mesmo assim nós vencemos um jogo, demos um trabalho muito grande no terceiro e só sentimos o Odirlei[13] não ter podido jogar este jogo, que ele levou o terceiro cartão e não jogou esta final, que era um dos nossos grandes valores ali pelo lado esquerdo, era o Odirlei.

B. B – Pairou também um certo mistério em torno do Ruy Rey[14]. Esse tipo de acusação que se faz, de boatos, você acha que teria fundamento para que, naquela época, nos anos 1970, esse tipo de coisa acontecesse?

J. B. – Não tem fundamento não. O Ruy era uma pessoa boa, não era capaz disso, ele queria vencer como a gente. E você acha que se o Corinthians contratou ele depois, sabendo que o jogador se vende, vai contatar alguém para jogar na sua equipe? Quem vende para um vende para outro também. Então isso não existiu. Eu acho que o Dulcídio[15], na época, eu acho que ele se precipitou um pouco. Eu duvido muito. Ele foi mais pelo gesto, pela gesticulação do Rui do que pelo que ele falou, porque naquele jogo o Corinthians distribuiu apitos para todos os torcedores. Então eu queria falar com o Polozzi ou com o Carlos e eu não conseguia entender o que eles falavam por causa do barulho do apito, e o Rui gesticulou, porque, na verdade, o Rui recebeu a falta, reclamou que ele apitou contra a Ponte Preta, e aí o Rui foi reclamar mais acintosamente e já em seguida já deu o vermelho, mas foi mais pelo gesto não pelo que ele ouviu, porque ele não ouviu nada. A gente não conseguia ouvir pelo barulho. Imagina mais de cem mil apitos dentro do campo? Não dava para ouvir nada.

F. S.- E a tua primeira convocação para a Seleção foi exatamente para as Eliminatórias da Copa de 1978 ou você já tinha sido convocado antes para profissional?

---

13 Ex-lateral esquerdo da Ponte Preta e Portuguesa.
14 Ruy Rey de Araújo, ex-centroavante da Ponte Preta e Flamengo.
15 Dulcídio Wanderley Boschilla, arbitro da partida entre Corinthians e Ponte Preta em 1977.

J. B. – Não. Eu tinha sido somente para a de juniores, na Seleção foi logo após a decisão do Corinthians mesmo, para as Eliminatórias da Copa de 1978.

B. B- O fato de você ter sido convocado antes para a de juniores, quando você foi convocado para ir para o time principal, foi algo entre aspas natural, ou seja, você já estava acostumado ou teve um peso "vou disputar uma Copa do Mundo pela Seleção Brasileira profissional?" Como é que foi essa sensação de ser convocado e depois de ocupar essa posição de titular?

J. B. – Sinceramente, eu não achava que, por eu estar no interior, que eu ia ser convocado. Porque até então ninguém tinha sido convocado no interior. Tinha eu acho o Amaral, que estava sendo convocado, mas era uma coisa muito distante, porque o Guarani foi campeão brasileiro de 1976, aí logo apareceu o Amaral e foi convocado. Mas, eu achava, na minha cabeça, que eu teria de sair da Ponte e ir para um time de maior expressão em São Paulo, Rio ou outro estado para eu poder me projetar e ter a chance de ir para a seleção. E eu estava na cidade quando foi a convocação e foi um torcedor na rua que me falou: "Você foi convocado."Eu estava pegando um ônibus, circular lá na minha cidade, na calçada. Ah, eu não via a hora de chegar lá no campo para ver se era verdade [risos].

B. B- Você participa das Eliminatórias e depois do que você lembra?

J. B. – Eu não joguei.

B. B- Ah, você não jogou?

J. B. – Não. Fizemos uns jogos lá na Colômbia, ficamos uns quinze dias concentrados lá, mas aquilo serviu muito, foi até bom eu não jogar. Sinceramente eu acho que, às vezes, a gente amadurece sem jogar. Para mim foi bom, eu comecei a conviver com jogadores que eram meus ídolos, que eu via à distância. O Rivelino para mim era um ídolo, então você vê e acha que o cara está muito longe de você. Nossa o Rivelino, o Paulo Cesar Caju, toda essa turma aí, o Leão[16], o Zico. Essa turma para mim toda era muito distante, então você acaba

16 Emerson Leão, ex-goleiro do Palmeiras, São Paulo, Corinthians e Seleção brasileira.

começando a conviver, a treinar junto, aí você vê que as coisas não são tão difíceis ou tão longe como você imagina. Você acha que você pode e também consegue. E você vai medindo a qualidade dos outros e com a sua também, isto faz parte de um amadurecimento, você vai se testando naquilo que você pode e onde você pode chegar. Isso me ajudou muito. Se, eu acho que se eu tivesse entrado logo de cara eu poderia até ter me queimado.

B. B- Um momento de ambientação?

J. B. – Justamente. E principalmente por eu ser um jogador do interior. Por não disputar o Campeonato Brasileiro ou de ter um convívio com estas estrelas todas que eu só via na TV, só via à distância.

F. S.- Na concentração, seus companheiros diziam algumas vezes que você era visto como uma pessoa muito reservada, muito solitária, que passava até boa parte do tempo ali na concentração lendo. Era isso mesmo? Você ficava mais na sua ou você até participava de algumas conversas?

J. B. – Não, participava de tudo, mas eu sempre fui uma pessoa reservada. Mesmo quando eu jogava na Ponte e no São Paulo eu gostava de sair sozinho, eu não gosto de sair com... Porque, na minha opinião, eu acho que sozinho você é uma coisa e com dois ou três você começa a criar coragem para fazer outras coisas que não está acostumado. E eu, desculpa eu falar, mas sempre levei comigo, até uma coisa talvez seja chata, "pô, o Oscar não aproveitou a vida?". Não, aproveitei da minha forma, eu sou assim. Então eu sempre achei que depois da meia-noite não tinha nada que me favorecesse, para o atleta. Então na verdade, eu achava que antes de meia-noite eu tinha de estar na cama. Eu perdi muito, não sei se perdi, sei lá, casamento, festas, baile, essas coisas. Eu fiz tudo que tinha que fazer, mas na hora certa, eu era meio "caxias" naquilo que eu fazia [risos]. E no ambiente de concentração eu gostava também de ver TV, não tinha internet ainda, a gente ficava batendo papo, eu gostava de ler, assim meio reservado naquilo que eu fazia. Eu era mais assim um ouvinte do que um cara que falasse muito.

B. B.- E na Seleção havia esses jogadores que...

J. B. – Ah, na Seleção depois eu já fiquei desinibido para caramba, brincava com todo mundo, mas sempre na minha. Eu não era de extrapolar alguma coisa. Sempre comedido, eu tinha muito medo de errar, de dar algum motivo de ser alvo de alguma coisa, sabe? Acho que foi por isso. Sempre com um pé na frente, de tomar uma posição errada, de falar uma bobagem ou de magoar alguém. Eu sempre tive essa preocupação.

B. B.-Você sentia então que havia grupos na Seleção? Você tinha um pouco que se enquadrar?

J. B. – Não era bem grupo, era questão de amizade. Alguns jogadores que vinham do mesmo time já tinham certo ambiente, certa amizade. Eu, por exemplo, na Copa de 1982 eu dormia com quem? Eu dormia no meu quarto, era eu e Leandro[17]. O Leandro era amigo do Renato Gaúcho. Eu falei: "Vamos trocar de lugar. Você fica aqui no meu quarto e eu vou com o Cerezo[18]." Para facilitar o ambiente de um com o outro. Às vezes você tem mais afinidade. Depois que eu vim a ser treinador a gente vai fazendo isto mesmo: você bota os dois zagueiros juntos para conversar e pegar entrosamento até dentro do quarto [risos]. E já vai acostumando. Mas não era assim que não tinha dificuldades, não tinha não. Tinha um bom relacionamento, embora que na minha.

B. B.- E a posição de zagueiro, você sentiu que mudou muito o treinamento, a rotina da Ponte Preta para a Seleção, as exigências em relação a você como zagueiro? O que do ponto do condicionamento físico mudou neste momento?

J. B. – Olha nós tivemos assim... Na seleção eu tive uma grata surpresa. Conheci o Cláudio Coutinho, que eu achava um super treinador, me ajudou muito, me ensinou bastante, um cara super honesto e inteligente. Estava me dando muito bem com ele. E ele tinha uma equipe muito boa: o Chirol[19], o Camerino, ou seja, todo um pessoal lá do Rio de Janeiro que já trabalhava lá no Exército e que tinham o aperfeiçoamento da parte física que me ajudou muito no meu

17 José Leandro Sousa Ferreira, ex-lateral esquerdo do Flamengo e da Seleção Brasileira.
18 Refere-se a Toninho Cerezo (Antonio Carlos Cerezo), ex-volante do Atlético-MG e da Seleção brasileira.
19 Admildo Chirol, então preparador físico da Seleção brasileira.

treinamento. E também na parte tática, de posicionamento, foi uma coisa muito boa que eu aprendi. E fora isso eu sempre fui dedicado. Aí ele me mandava fazer, eu fazia mesmo. Uma coisa que eu gostava de fazer era a parte física. Aliás, eu dependia muito da minha parte física, para eu conseguir jogar eu tinha de estar de fato com a parte física bem acima, senão eu não tinha confiança muito de jogar. O meu ponto forte era o cabeceio, eu tinha mais confiança na minha cabeça do que nos pés. Cruzar era comigo mesmo, podia cruzar o dia inteiro, eu tinha muita confiança nas bolas altas. Então eu me especializei nisso. Fazia treino todo dia até cansar. Os caras cansavam as pernas de cruzar e eu não cansava a cabeça de tirar.

F. S.- E como é que era essa questão de cabeceio? Parece que colocavam um outro jogador alto...

J. B. – Isso aí foi na Ponte Preta. O nosso treinador, o Cilinho[20], que é uma enciclopédia do futebol, que é um dos treinadores mais inteligentes, confesso eu, que eu trabalhei, sabe? E então ele colocava, para treinar de cabeça... Ele botava, por exemplo, quando ia jogar com a Portuguesa... A Portuguesa tinha lá o Alcino, que tinha dois metros de altura, eu tenho 1,85m, 1,86m. Aí essa semana ele botava um, dois jogadores, um nas costas do outro, subia aqui no pescoço, então ficava aquele (inaudível). Ficava uns cinco ou seis na área e ficava cruzando para eu no meio, para cabecear. Então era mais para ajudar. Mas fora isso eu treinava muito, na época Ponte Preta e do São Paulo, com colete de areia. Botava o colete de areia para ficar mais pesado, para conseguir uma impulsão maior. São os meios que a gente tinha na época, talvez hoje tenham outros mais importantes. Ou não tenha, ou tenha, mas o que é mais necessário é o jogador se prontificar a querer fazer. Hoje eu acho que o jogador espera muito o treinador mandar fazer. E eu acho que não precisa mandar, o jogador tem que entender e saber aquilo que ele vai usar no jogo e o que tem que fazer no treino durante a semana. Eu comecei jogando e fiz sucesso, assim por exemplo: a Ponte foi jogar contra o Palmeiras. O Palmeiras tinha o Leivinha, que era um dos maiores cabeceadores de São Paulo e do Brasil. E eu, garotão, marquei bem o Leivinha[21], as bolas altas eu consegui tirar e não deixar ele fazer gol de cabeça.

20 Refere-se a Otacílio Pires de Camargo, o Cilinho.
21 João Leiva Campos Filho, Leivinha, ex-meia direita da Portuguesa, Palmeiras e Atlé-

Então começou a me dar moral e eu também aproveitei e fui me especializando nas bolas altas.

B. B.- E como zagueiro, o uso da falta e em alguns casos da violência. Como você via isso e como você vê hoje? Será que hoje é a televisão que permite que a gente veja que há mais empurra-empurra ou isso já vinha da sua época?

J. B. – Não, veja bem, não são todos. Se você ver o Thiago Silva da seleção, ele não é um jogador violento. Não vejo por aí. Você veja o Maldini[22], o Baresi da seleção. Na minha época o Luis Pereira e o Amaral eram jogadores que não tinham violência. Acho que o violento, acaba sendo violento aquele jogador que está despreparado e que.... antigamente tinha um lema no futebol de que zagueiro tinha que chegar junto, para amedrontar o atacante. Eu achava que não, que zagueiro tem que chegar antes. Você chega antes, você chega limpo, não precisa fazer falta, rouba a bola. Então era assim que... Já fui expulso por reclamação com juiz, não por falta violenta. Não me recordo de ter ficado fora de um jogo por ter recebido terceiro cartão amarelo. Dificilmente eu fazia falta, somente em casos... Hoje não, apesar de que os juízes estão mais severos e também estão indo muito na onda do jogador. Eu gosto de ver jogos da Europa porque os juízes deixam o jogo correr mais. O jogo de ombro, eu não entendo por que tem que ser falta, tem que saber interpretar as coisas. O futebol está ficando hoje meio chato porque é muito parado. Por exemplo, aqui no Brasil a bola fica muito fora de campo, muitas faltas, o juiz para muito o jogo, o jogador cai e pede falta, aí gera dúvida no juiz, gera dúvida no torcedor. Acho que tem que ter uma regra mais específica.

B. B.-Você citou o Leivinha, mas tinha algum atacante específico além do Leivinha que te fazia piscar o alerta, quer dizer, este jogador é problemático, como é que eu vou fazer?

J. B. – Tinha muitos. Na minha época eu me deparava com... na época tinha Leivinha para marcar, tinha o Escurinho[23], que era um grande cabeceador do Internacional, na época do Palmeiras tinha o Toninho, que era muito difícil de

tico de Madri.

22 Paolo Maldini, ex-jogador do Milan (ITA) e da Seleção Italiana.

23 Refere-se a Luis Carlos Machado, grande cabeçeador do Inter e Palmeiras.

marcar, depois teve o Cesar Maluco, cheguei a jogar contra ele, tinha Juari[24] no Santos. Isso tudo na Ponte Preta que estou dizendo. Peguei também Sócrates ainda no Botafogo, Enéas na Portuguesa, que era um grande jogador e muito difícil de marcar. Serginho no São Paulo, que era muito difícil e a maioria dos zagueiros respeitavam ele demais. Zico, por aí a fora... Claudio Adão, que era um tremendo de um atacante, o Nunes, que depois veio para o Flamengo também. Tinha o Beijoca[25] que era um jogador também [risos]. Posso falar um monte, mas eram jogadores que de fato cheiravam gol, não é? Faziam gols para caramba.

B. B.-Vamos falar então da Copa de 1978. Quando o Brasil perde...

J. B. – Ah, tinha um também um número dez do Santos também que eu joguei só uma vez contra ele. O número dez do Santos. Foi na despedida dele.

B.B- Ah, você jogou? [risos]

J. B. – Esse também era brincadeira...

F. S. – Você se lembra do número da camisa com que você jogou? Porque tem uma foto...

J. B. – Santos e Ponte Preta? Eu joguei com a camisa número três. Ou é a quatro? Não número 3.

F. S. – Porque tem uma foto do Pelé agachado já no campo se preparando para a despedida...

J. B. – Quem chegou ao lado com a número 4 foi o Serelepe[26], eu cheguei ao lado junto com ele. Quem aparece naquele vídeo lá é o Valtinho, que era o meia-esquerda, o número dez, o Serelepe, número quatro, que ele também

24 Juary Jorge dos Santos Filho, o Juary. Ex-centroavante do Santos e da Internazionale de Milão (ITA).
25 Jorge Augusto Ferreira de Aragão, o Beijoca. Ex-atacante do Bahia e do Vitória.
26 José Pauli, o Serelepe, ex-jogador do São Bento e da Portuguesa de Desportos.

tinha um cabelo meio parecido com o meu, e eu, que era o número três. Eu cheguei ali, o Pelé se ajoelhou e eu cheguei e eu queria pedir a camisa para ele, mas eu tinha vergonha. Não sabia se falava majestade [risos]. E é verdade, estou dizendo para você que eu estava louco para pedir a camisa dele. Fiquei aí naquele negócio de "peço, não peço" e ele saiu correndo e foi embora.
F. S.- Então depois tem, voltando a 1978, tem a excursão para a Europa na qual você é titular, você começa a jogar e você vai para a Copa de 1978. Você lembra do momento da convocação, da pré-temporada que vocês fizeram antes da viagem para a Argentina?

J. B. – Me lembro sim. Bom, na Copa de 1978 aí na final eu já estava aguardando a convocação. Eu já tinha ido viajar, já tinha feito assim uns bons jogos na excursão e o Coutinho gerava aquela dúvida se ia ou não chamar o Luis Pereira. Ficou polêmica assim nos jornais por muitos meses. Então chegou na época e na verdade ele não trouxe o Luis porque ele não acompanhava o que ele estava fazendo lá fora, não é como hoje, que passam os jogos direto, eles não acompanhava tanto, então acabou dando oportunidade para mim. Mas me lembro sim, o Brasil jogava muito mais aqui no Brasil, jogava em vários estados. Fizemos uma boa preparação para a Copa na Toca da Raposa[27].

B. B.- Ali o entrosamento da defesa como é que era? Você, Leão...

J. B. – Mas a gente treinava na Toca. Por exemplo, na Copa de 1982 ficamos mais de dois meses concentrados para pegar aquele entrosamento que nós tivemos. Então, não foi um encontro de dez dias, quinze dias, foram mais de dois meses de jogos amistosos, de jogos importantes e isso tudo gerou um clima de amizade entre os jogadores e também de entrosamento dentro de campo.

B. B.- Sobre esta Copa o fato do Brasil ter perdido gera toda esta discussão de "por que perdemos?", a derrota leva...

J. B. – Qual delas você fala?

27 Centro de treinamentos do Cruzeiro-MG.

B. B.-1978. Uma das acusações que se faz é justamente de que o Brasil teria perdido seu estilo, "abrido" mão de seu estilo em função de um futebol que o Coutinho teria colocado como filosofia mais defensivo, os termos técnicos. Como é que você vê?

J. B. – Não foi. Não foi porque nós não perdemos nenhum jogo. Nós fomos eliminados sem tomar... Tomamos acho que me parece dois gols.

B. B.- O Brasil leva um gol da Suécia no primeiro jogo e da Polônia.
J. B. – É. Foi três a um contra a Polônia.

B. B.- E contra a Itália também.

J. B. – É. Foi três a dois. Tomamos poucos gols, não perdemos nenhum jogo e fomos eliminados. Mas era um time técnico também. Tinha o Zico, tinha o Jorge Mendonça[28], tinha Reinaldo[29], tinha Dirceu, era um time respeitado. Falcão... O Falcão não foi nesta Copa. O Cerezo, ou seja, um time de um bom nível técnico também. Mas não foi. Eu acho que, sei lá, foi uma coisa meio que obscura na Copa da Argentina, eu não sei o que aconteceu. Sei que o jogo contra a Polônia, nós ganhamos de três a um, e o nosso jogo era no mesmo horário do jogo da Argentina e eles mudaram o jogo após o nosso para saber de quanto teriam que ganhar.

B. B.- De fato FIFA[30] já era comandada pelo João Havelange[31], havia se escolhido a Argentina como país-sede da Copa do Mundo e logo depois tem um golpe de Estado lá. O Brasil também vivia um clima, embora já de transição, mas ainda de um regime ditatorial. Você acha que houve alguma interferência desse ambiente da América do Sul?

J. B. – Ah, se houve a gente não sabe, não chega até a gente isso. Para falar a verdade isso aconteceu, o clima não era dos melhores, era tenso. Na nossa concentração tinha muitos policiais fazendo ronda, muitos cachorros, um clima

28 Jorge Pinto Mendonça, ex-meia do Naútico, Palmeiras e Guarani.
29 Ex-atacante do Atlético-MG.
30 Federação Internacional de Futebol Associado.
31 Jean-Marie Faustin Goedefroid de Havelange, ex-dirigente esportivo brasileiro.

meio pesado que você sentia. Agora, o que de fato aconteceu, eu nunca parei para pensar se houve mesmo algum problema com Peru e Argentina. Se fala, mas não sei se é verdade. Agora, se nós tivéssemos vencido o jogo lá em Rosário contra a Argentina, que empatou em zero a zero, teria sido diferente, o Brasil iria para a final contra a Holanda. Ficamos dependendo desse jogo Argentina e Peru[32].

F. S.- Você considera que aquele time foi se soltando mais em campo conforme a Copa ia passando? Porque a primeira fase daquele time é muito difícil. Vocês empatam com a Suécia por um a um, empatam com a Espanha em zero a zero num jogo dificílimo que o Brasil quase leva um gol...

J. B. – Quase perdeu, porque o Amaral salvou em cima da linha ali aquele gol. Mas foi verdade, começou a ganhar, conforme andava mais começou a ficar mais confiante sim, a jogar melhor. Contra a Polônia já fez um belo jogo e o Brasil tinha jogado com o Peru, tinha vencido também, mas não foi um jogo fácil. Então a gente achava que a Argentina não fosse fazer quatro gols no Peru de forma alguma. Eles tinham um bom time, tinham bons jogadores.

B. B.- A gente falou do ambiente da Argentina. Por parte da CBD[33], na época ainda era CBD, você sentiu isso? Não era mais o João Havelange, que passa a ser presidente da FIFA em 1974, o Almirante Heleno Nunes...

J. B. – Não, nós não, não tinha nada em relação a isso, não. Não percebia nada. O que eu digo mais é do ambiente do próprio país, quando a gente saía para treinamento, saía para jogos. Então percebia que...

B. B.- Desses jogos de 1978 o que você destacaria? Seja sua atuação, seja uma partida, o que te chamou atenção mais nessa Copa?

J. B. – Olha, tem algumas coisas que chamaram a atenção nestes jogos aí. Por exemplo, no primeiro jogo aconteceram umas coisas inusitadas. No jogo contra

32 Nessa partida a Argentina precisava vencer o jogo por cinco gols de diferença, para que seu saldo de gols possibilitasse a classificação para a próxima fase. A partida terminou em 6 a 0 para a Argentina o que levantou inúmeras suspeitas.
33 Confederação Brasileira de Desportos.

a Suécia, aconteceu... de um escanteio logo no final, que subimos eu e Zico, o Zico cabeceou e o juiz terminou o jogo antes do Zico cabecear. Não sei se você se recorda, foi uma coisa que ninguém entendeu. Posteriormente, o outro jogo contra a Argentina, por exemplo, foi um jogo muito tenso. Nós estávamos em Mendoza, viemos jogar em Rosário e chegamos um dia antes. Daí foi um foguetório em frente do hotel que não deixou os jogadores dormirem direito. E vinha polícia, e eles novamente voltavam, e fizeram, do hotel até o estádio, fizeram um cordão humano para o ônibus passar e torcedores xingando, vaiando, aquele negócio todo. O clima era bastante pesado para esse jogo aí. Aí o que o Coutinho falou, entrou no vestiário e o estádio cheio em Rosário: "Vamos fazer o seguinte: vamos entrar uma meia hora antes no estádio e vamos dar uma volta na pista. Deixa o pessoal vaiar à vontade, até não poderem mais, vamos ficar lá andando, para quando a gente entrar já não ter mais aquela graça que tinha anteriormente". Então foi assim. Os jogadores já recebiam mais a vaia, viam todo ambiente que era, já descarregou um pouco daquela tensão daquilo que a gente ia enfrentar. Então como todo mundo diz: "o campo tem um bom policiamento, não vai entrar ninguém aqui, então é só lá mesmo, deixa eles fazerem barulho, vamos nos acalmar aqui e vamos entrar para o jogo". E foi o que aconteceu. Foi muito boa a tática do Coutinho.

B. B.- São umas estratégias que, um detalhe que...

J. B. – Um detalhezinho que ajuda. Eu era um garotão, o time tinha jovem para caramba. Aquela pressão do dia anterior, já no caminho do estádio e tudo mais. Aí você entra, relaxa, vê o que é, o que não é, recebe xingo de um e de outro, dá tchau para um. O que nós vamos fazer lá é aquilo que a gente faz sempre, que é jogar futebol. Então não tem nada de diferente. É isso, vamos jogar bola.

(FINAL DO ARQUIVO I)

(INÍCIO DO ARQUIVO II)

Bernardo Buarque - Algumas das suas lembranças da Copa de 1978, uma delas você acabou de nos contar. Essa estratégia do Coutinho de amenizar a pressão da torcida.

José Oscar Bernardi – Foi um jogo chave, foi um jogo chave.

B. B- Contra a Argentina...

J. B. – Foi um jogo muito tenso. Logo no início a Argentina veio para amedrontar, para querer impor, até com certa violência. Esse jogo aí eu me recordo que eu estava sentado com o Cerezo, aliás, com o Chicão[34], e o Coutinho chamou o Chicão e aí contou que nesse jogo ele ia precisar dele, que ele que ia jogar, aí acabou tirando o Cerezo e colocou o Chicão, porque era um jogo mais de marcação, de mais pegada e o Chicão gostava de jogar com mais força um pouquinho [risos]. Ele tinha o pé com um pouquinho mais..., sem carinho [risos].

B. B.- E o Cerezo ficava ressentido?

J. B. – Não, ele ficou meio chateado sim na época. Lembro que criou um mal-estarzinho ali, mas nos outros jogos depois ele voltou. Foi mais esse jogo mesmo porque, acho que por necessidade mesmo de marcação, e de impor. E ele fez valer, acho que foi uma medida correta dele. Não que ele merecesse sair não, mas...

B. B.- Em função daquela estratégia?

J. B. – Daquele jogo.

Felipe Santos - E aí, depois da Copa de 1978, você chega a ser eleito como um dos melhores zagueiros daquela Copa.

34 Francisco Jesuíno Avanzi, o Chicão, ex-volante do São Paulo e da Seleção Brasileira.

J. B. – Eu fui eleito pela FIFA, na seleção da FIFA, nos onze. Seleção da FIFA em 1978.

F. S.- E isso já provoca alguma espécie de interesse por parte do New York Cosmos, que depois você vai para lá em 1979?

J. B. – Eu tive um assédio muito grande de alguns clubes grandes. Do São Paulo, do Palmeiras, que diversas vezes conversei com diretores do Palmeiras lá em Campinas. Do Cruzeiro, que cheguei até assinar um pré-contrato, mas a Ponte não deixou sair. Ou seja, teve alguns interesses. Mas no dia que resolvi ir para o Cosmos, no mesmo dia estava também o time do São Paulo lá em Campinas. Mas a Ponte que pendeu para o lado do Cosmos devido a quantia, que era em dólar. Veja você, depois de eu já ter feito uma Copa do Mundo e ter sido eleito da Seleção da Copa, eu fui vendido por quinhentos mil dólares para o Cosmos. Hoje seria uma mixaria, seria um empréstimo aqui dentro do Brasil. Mas foi muito bom, foi logo em seguida, foi em 1979. Então aquela final da Ponte com o Corinthians novamente depois eu já não joguei, já jogou o Juninho[35], eu já tinha ido embora. Mas fiquei pouco tempo, eu nesta época da Ponte eu estava com uma contusão na coxa. E como disse a você anteriormente, eu era uma pessoa que gostava muito de treinar, era muito "caxias" e jogava às vezes com contusão, escondia contusão. E eu joguei muito tempo na Ponte com um problema, com uma dor próximo da virilha. E o que era? Era uma distensão mal curada, que encapsulou e virou um quisto. E como era embaixo da artéria femural, até para tossir eu sentia muita dor. E eu acabei indo para o Cosmos com esse problema, eu pensei que fosse uma coisa passageira e lá o problema continuou. Então eu acabei jogando muito pouco lá.

B. B.- Mas você foi e você...

J. B. – Mas gostei demais, eu não queria voltar mais, estava adaptado lá, os Estados Unidos era uma maravilha para se viver, o time era muito bom, uma estrutura espetacular. Mas aí eu estava lá nessa situação, me tratando e sem

35 Refere-se à Juninho Fonseca, ex-zagueiro da Ponte Preta, Corinthians e Seleção brasileira.

jogar, e um dia lá eu me encontrei com o Jorge [inaudível 4:42], que depois se tornou meu amigo, que estava a passeio nos Estados Unidos e foi assistir um jogo, e acabou assistindo um jogo do meu lado. Disse: "Vou levar você de volta lá para o São Paulo". Falei: "Se o São Paulo me der as mesmas condições em que eu estou aqui, quem sabe eu até vou". E ele me ligou e falou: "Eles dão". Respondi: "Então eu vou". E eu acabei vindo. E também foi muito bom. Por quê? Porque eu estando aqui em São Paulo, eu voltei em agosto de 1980. Se eu tivesse lá nos Estados Unidos ia ser difícil de eu participar da Copa de 1982, o futebol americano não passava muito aqui, eu ia acabar sumindo um pouco da mídia e dos olhos do Telê Santana. Então foi também um motivo porque eu retornei, para ficar mais perto dos olhos da comissão técnica e participar de uma outra Copa do Mundo.

F. S.- Você chegava a sentir falta da família, do contato próximo com a família na sua passagem pelo Cosmos?

J. B. – -Eu sempre sentia, mas eu levei uma vez o meu pai, foi outra vez o meu irmão, foi um amigo meu morar comigo. Eu tinha muita preocupação de como viver sozinho, eu não sabia. Eu era solteiro, garotão. Como viver sozinho, fora, em outro país. O que eu ia comer, a minha preocupação era comer. Como é que eu vou me alimentar sozinho? Até levei um companheiro meu que sabia cozinhar, me ajudou lá uma época, mas a gente depois vê que não é tão difícil assim, as coisas lá são muito fáceis e o Cosmos dava toda a estrutura para a gente. Foi tranqüilo passar por lá.

F. S.-Você chega a jogar com o Carlos Alberto Torres[36] e o Beckenbauer[37]?

J. B. – Cheguei a jogar com o Carlos, cheguei a jogar com o Carlos Alberto Torres. Só que o Cosmos, na época, jogava de uma forma que eu não entendia bem, que era já o famoso 3-5-2. Então nós jogávamos com dois jogadores marcando e eu detestava aquilo lá. Eu saía na caça do atacante e o Carlos Alberto era líbero, já era famoso lá. Eles jogavam daquele jeito. Então eu fui para jogar saindo, correndo atrás do atacante, pelo lado direito. O Carlos Alberto era o

36 Ex-lateral direito do Fluminense, Santos e Seleção brasileira.
37 Franz Beckenbauer, ex-meio campista alemão.

líbero, ficava mais na sobra. Carlos Alberto já estava parando nesta época, o Pelé já não estava jogando mais, já tinha parado, mas o Beckenbauer era titular. O time tinha o Chinaglia[38], o Neskeens[39] e eu fui junto com o Romerito[40], nós fomos apresentados juntos lá no Cosmos e chegamos até a morar juntos nos Estados Unidos. Depois veio o Cabañas também, o Seninho[41] de Portugal. Morávamos todos no mesmo prédio sabe? Umm ambiente muito bom. Foi uma passagem interessante sim.

B. B.- Voltando esse período no São Paulo até a convocação. Agora em um clube de grande projeção na capital paulista, isso já...
J
. B. – Olha, eu vou falar uma coisa para você. Quando eu vim para o São Paulo, aquele time que se formou, eu fui jogar no São Paulo, eu sei lá, eu me senti muito protegido. Como na gíria do futebol, era uma "teta" jogar no São Paulo, verdade, era uma moleza. Você olhava para trás e tinha goleiro, tinha lateral, tinha volante, tinha atacante. Era muito fácil jogar no São Paulo, uma maravilha. Só alegria [risos].

F. S.- Por esta facilidade, foi fácil você criar um entrosamento com o Dario Pereyra, que é uma dupla considerada por muitos torcedores do São Paulo e de outros times como uma das maiores que futebol brasileiro já teve?

J. B. – É, eu fui assim... Acho que todo zagueiro gosta de buscar o entrosamento com seu companheiro, com todo o time, mas principalmente com quem está do seu lado. Então, tem uma coisa muito engraçada: o Dario, eu era solteiro, o Dario também era solteiro. Eu cheguei no São Paulo e lá tinha a Casa do Atleta, e eu fiquei morando junto na Casa do Atleta. Eu era miserável para caramba, não gostava de gastar e o São Paulo também não dava apartamento [risos], então eu fui morar na Casa do Atleta no início. Mas é como falei com vocês no início: eu era uma pessoa que, fora do campo, eu não era talvez um bom companheiro,

38 Giorgio Chinaglia, ex-jogador de futebol italiano, atuou pela Lazio e no New York Cosmos foi o maior artilheiro da história da equipe.
39 Johannes "Johan" Jacobus Neeskens, ex-jogador holandês, um dos maiores jogadores da história da Holanda.
40 Julio César Romero Insfrán "Romerito", ex-jogador de futebol paraguaio.
41 Joaquim Arsénio Rodrigues Jardim "Seninho", ex-atacante português.

eu era bom companheiro dentro do clube e dentro do campo. Fora, eu era mau companheiro. Então, eu não saía com os jogadores. O Dario Pereyra era meu amigo, era meu parceiro dentro do campo. Depois, mais para frente, eu me casei, o Dario também se casou e a minha esposa ficou amiga da esposa dele. Então a gente saía e nos tornamos mais amigos, mais íntimos. Mas então o entrosamento era mais baseado mesmo nos treinamentos e dentro de campo. Ou seja, aquilo que o Dario, o ponto forte dele, eu aprendi logo a saber o que ele tinha de bom entendeu? E também com certeza ele também sabia o meu ponto forte e fraco. E o ponto fraco dele eu também já sabia. Então um completava, já ficava atento a algumas coisas que iam acontecer e já nos precavíamos. Então é assim que a gente vai buscando um entrosamento. Quando eu cheguei no São Paulo, o Carlos Alberto Silva era o treinador, o Dario era volante, não era zagueiro. Foi aí quando eu cheguei que o Carlos Alberto começou a testar o Dario de zagueiro. Aí que nós começamos a fazer essa dupla que durou bastante tempo.

B. B.- Você falou de apartamento, salário. Nos Estados Unidos, com o salário do Cosmos, você fez alguma emancipação financeira ganhando em dólar ou apenas o suficiente para você continuar?

J. B. – Eu acho que foi... eu tive uma recompensa boa financeira. O São Paulo também era um grande clube e sempre fiz bons contratos. Eu acho que na época ali do São Paulo, era eu, Serginho e Dario éramos os maiores salários do clube, o que não era exorbitante, acho que era justo. Mas na época também as coisas não eram tão caras, a gente poderia comprar um imóvel, aplicar em uma outra coisa. Não dava para comprar tanto, mas o pouco que dava a gente costumava guardar.

B. B.- E nessa temporada você é campeão paulista em 1981 e vice-campeão brasileiro pelo São Paulo, não é isso? Você chega na final contra o Grêmio, não é?

J. B- Foi. Nós ganhamos, nós empatamos o jogo lá contra o Grêmio e o Baltazar

[42]perdeu dois pênaltis nesse jogo, perdeu um pênalti nesse jogo lá em Porto Alegre. E na volta, no jogo em casa, ele fez um gol espírita lá, sabe? E foi na minha frente, inclusive. Ele acabou virando e já pegando de esquerda. Depois ele foi meu jogador lá no Japão, levei ele para lá, me ajudou muito, fez muitos gols e foi artilheiro do Campeonato Japonês. Eu brinco com ele que ele se assustou comigo, virou batendo e acabou fazendo o gol [risos]. Mas ele era, como se diz na gíria do futebol, era muito largo para fazer gol. Fazia gol de qualquer forma, qualquer jeito. Era artilheiro mesmo.

B. B.- Então essa visibilidade no São Paulo te permitiu voltar a ser convocado ou entre as Copas de 1978 e 1982 você continuou sendo convocado nos jogos amistosos?

J. B. – Eu continuei sendo convocado. Ai é o seguinte, sabe eu tinha esse problema que eu voltei da contusão ainda persistia no São Paulo. Eu estava jogando ainda machucado e não jogando bem, eu sabia que eu podia render o dobro. Até minhas bolas altas eu estava perdendo, até para tossir eu tinha de agachar. Depois dos jogos então era uma tristeza a dor. Eu acabei indo uma vez no Hospital Sírio Libanês, montaram uma equipe e acabaram sugerindo... Naquela época estava vindo a ressonância, no Brasil não tinha muito essas coisas e o Sírio já tinha. Aí o médico sugeriu a ressonância daqui para baixo[43] e foi aonde constatou o quisto embaixo da artéria femural. Por isso que doía. E é uma cirurgia delicada porque a artéria femural é uma artéria muito importante, que não pode ser riscada, arranhada ou cortada porque é perigoso. E você vê como são as coisas: eu fui internado nos Estados Unidos, no Lennox Hill, que é um dos grandes hospitais de Nova Iorque, e eles não acharam essa minha contusão aqui. Me viraram de cabeça para baixo, até cistoscopia eu acabei fazendo e não acharam nada. Enfim, resolvei o problema e meu futebol também cresceu. Cresceu, comecei a me destacar e fui merecedor depois de ser convocado.

B. B.- Copa de 1982. Como é que você a vê, falando dos trinta anos dessa edição da Copa na Espanha, o Brasil perde para Itália, o que você traz, quando você

42 Baltazar Maria de Morais Júnior, ex-atacante do Grêmio, Palmeiras e Flamengo. Também jogou em clubes na Espanha, Portugal e França.
43 O entrevistado indica com as mãos, fazendo o movimento da cintura para baixo.

avalia, o que você traz de lembrança desta experiência, agora não mais com o Claudio Coutinho como técnico, mas com o Telê Santana comandando essa equipe que encanta o mundo, mas ao mesmo tempo não consegue sair coroada?

J. B. – O time era bom, nós treinamos bastante. Muito confiantes, não perdíamos. Ficamos acho que um ano sem perder nenhum jogo. Ficamos quinze dias em Portugal em treinamento. Jogávamos também, dois jogos por semana, enfiávamos seis, sete, oito gols nos times de segunda divisão. Então o time estava muito bem preparado em todas as posições, com boas substituições. O Telê tinha assim na mão um time em que ele podia mexer bem. Mas eu não sei, tem dias que as coisas não acontecem. Mas, veja bem se você for falar de alguns jogos, eu acho que o melhor jogo nosso... Este dia um amigo meu me falou que a FIFA, me parece, saiu essa semana, disse que o segundo tempo do Brasil e Rússia[44] foi considerado pela FIFA como um dos melhores jogos de todos os tempos. Eu não sei se foi, eu acho que a Rússia [URRS] no segundo tempo morreu. Eu sinceramente acho que morreu. Eu via a expressão dos caras, eles morreram fisicamente, estavam liquidados. Por isso que não fizeram muita coisa. Pelo calor também que estava e também pela falta de preparação deles. O jogo melhor que o Brasil atuou foi contra a Argentina. Eu acho que o jogo contra a Argentina é o jogo modelo da seleção do Brasil. Impôs um ritmo, jogadas de passagem de laterais, de overlaping, de passes, de antecipação, de tudo. Foi assim um jogo a ser estudado por jogadores e treinadores. Na minha opinião foi um excelente jogo do Brasil. O jogo da Itália eu acho que foi um jogo de erros do Brasil entendeu? Porque? Por que nós não jogamos em cima daquilo que precisava, nós jogamos, como sempre, para vencer. Para fazer gols, para golear. Sempre o Brasil fazia isso. Estamos falando isso lógico que agora, depois de muito tempo. Mas, voltando lá atrás, onde erramos? Acho que erramos de soltarmos demais o time, os laterais avançarem, dos nossos meias serem mais ofensivos e de não nos resguardarmos, esperarmos um pouco mais. Talvez tenha sido isso aí o nosso pecado. O time do Brasil era um time ofensivo. Eu não sei se iria conseguir segurar o Zico, segurar o Éder, segurar o Leandro, segurar o Júnior, segurar o Sócrates, que eram jogadores de fato... A não ser que trocassem as peças por outros elementos. Mas uma coisa que sempre disse e vou tornar a repetir: eu me recordo muito bem, você pode até

44 Na época ainda a Rússia ainda pertencia à União das Repúblicas Socialistas Soviéticas.

perguntar para o Falcão. Nessa preleção, o Falcão disse: "O Conti[45] me disse que eles vão ficar atrás, jogar no contra-ataque, porque eles já estão até com as malas prontas para voltar para a Itália." A Itália estava mal, estava em crise com a imprensa, não dava entrevistas, sempre criticada e tal e tal. Então estava de fato para ser degolada pelo Brasil. Então a gente tinha quase certeza que ia vencer, houve um excesso de pensamento positivo, um excesso de, vamos dizer de...

B. B.- Porque vinha de uma primeira fase vitoriosa e de um jogo que, como você falou, contra Argentina...

J. B. – Mas aí o Falcão falou: "Você não acha melhor jogar esperando ou mudar a forma de jogar hoje? E daí, como vamos fazer? ". Mas aí todo mundo: "ah, estamos jogando bem assim, vai mudar, depois perde e o que que vão dizer? Por que mudou se está dando certo até agora, os jogos amistosos foram assim, os jogos oficiais foram assim? Vai mudar logo agora?".

B. B.- Se perdesse a culpa teria sido pela mudança do esquema tático?

J. B. – Justamente. Conversamos e fizemos da mesma forma que estávamos fazendo. Então fomos surpreendidos assim por pequenos erros aqui e ali, acabamos sofrendo os gols. Mas, então eu acho hoje, um pequeno erro que nós fizemos foi isso daí de jogar muito ofensivamente, não buscar o que a gente precisava. Porque o empate era nosso. Saímos do zero a zero estavam quase perdendo, depois empatamos e por duas vezes estávamos com o placar favorável para gente. E o Telê perguntou para um, perguntou para outro: "Vamos entrar desta forma mesmo?". E acabamos sendo desclassificados. Tanto é que o jogo anterior foi contra a Argentina e a Argentina nós vencemos por três a um. Fomos assistir ao jogo Argentina e Itália. A Itália ganhou da Argentina e jogou muito mal. Aí jogamos com a Argentina, metemos três a um e pensamos: "Porra a Itália agora vamos atropelar aquele time feio." Supostamente, na nossa cabeça, vamos ganhar. E o Batista[46] foi expulso nesse

45 Bruno Conti, ex-jogador de futebol italiano, atualmente é olheiro da AS Roma.
46 João Batista da Silva, mais conhecido como Batista , é ex-volante e atual comentarista esportivo brasileiro.

jogo contra a Argentina, aliás, foi machucado, foi substituído, ele se machucou no jogo contra a Argentina, foi aquele em que o Maradona foi expulso. Aí o jogo contra a Itália, eu acho, que o Batista até foi poupado, poderia até jogar, mas foi poupado para o jogo depois com a Polônia. Polônia, não é?

F. S.- Isso. Polônia.

J. B. – Porque a gente tinha certeza que ia passar.

F. S.- Você falou desta conversa que você teve com o Falcão na preleção pouco antes do jogo contra a Itália...

J. B. – Não, foi ele que expôs ao grupo.

F. S.- Como é que era o clima entre o grupo desde a preparação lá em Portugal? Os jogadores tinham uma boa relação, conversavam bastante? Porque mesmo você tinha colegas de clube lá naquele grupo como o Valdir Peres e o Renato[47], tinha o Juninho[48], que te sucedeu na Ponte Preta.

J. B. – Tinha o Carlos[49]. Não, o ambiente não era ruim não, era um ambiente sadio. Não tinha problema nenhum de amizade. Creio que era um grupo bom. Acho que quando você fica fora do país por mais de dez dias sempre há um probleminha dentro de campo aqui, ali, uma coisa normal. Passou de dez dias sempre gera umas discussõezinhas, mas nada que chegue a influenciar no rendimento, de chegar em um jogo e não dar a bola para um companheiro por causa disso ou aquilo. Isto não chegou a ter não.

F. S.- E tem o jogo contra a Escócia não é? Que você faz o gol, você tem uma atuação muito elogiada naquele jogo. Você lembra de alguma coisa do jogo, da jogada do gol, que você sobe no primeiro pau?

J. B. – A jogada do gol era uma jogada ensaiada que o Telê fazia. O Junior

47 Renato Cunha, então terceiro goleiro da Seleção brasileira. Jogou pelo Flamengo.
48 Refere-se à Juninho Fonseca, ex-zagueiro da Ponte Preta e Corinthians.
49 Refere-e ao ex-goleiro, Carlos Gallo.

batendo de pé trocado. O Junior era lateral-esquerdo, mas era destro. Então ele batia pelo lado esquerdo, batia sempre nos treinamentos de pé trocado, no primeiro pau, e eu entrava ali. Até que uma hora deu certo.

B. B.- Você disse que tinha uma auto-confiança do grupo que foi crescendo à medida que o time foi ganhando. Você acha que em algum momento também o grupo sofreu essa influência vinda da imprensa e da torcida no sentido de um certo clima de "já ganhou?" Você acha que essa presença dos meios de comunicação já era ostensiva como é hoje?Vocês tinham que se proteger?

J. B. – Olha eu vou dizer para você que, embora a gente não queira, mas contagia um pouco. Não houve excesso, mas houve um pouco, talvez, de exagero de pensar que já ganhou. Isso não tem como segurar, tem que estar falando sempre. É complicado segurar. Você ia nos jogos, via aquela torcida, parecia que você estava no Brasil. Só tinha cara de amarelo, dentro do campo só tinha brasileiro torcendo. Tinha clima, depois dos jogos, de festa, tinha a famosa música do Junior, o "Voa, Canarinho", que o torcedor cantava. No ônibus era pandeiro e tudo isso aí dentro do ônibus. Então era um clima muito para cima, de levantar a moral. Mas acho que em certo ponto a gente acaba entrando no embalo do torcedor, da imprensa, do "já ganhou" e acaba depois levamos um susto.

F. S.- E quantas vezes você já respondeu sobre a cabeçada no final do jogo contra a Itália, que você cabeceia?

J. B. – Eu vou falar para você. Toda semana alguém me pergunta algumas vezes [risos]. Este jogo aí, no finalzinho, nós estávamos querendo empatar o jogo. Então teve uma falta no lado esquerdo e o Éder que sempre batia, como sempre muito bem. E eu falei com o Cerezo: "Vamos para a área, você tromba com o zagueiro, dá uma empurrada, atrapalha ele que eu vou cabecear essa bola. É a única chance". E assim fomos para a área tentar cabecear. Mas nem foi preciso, subi sozinho, tranqüilo para cabecear para o chão. E não sei como o cara apareceu com aquela mão do tamanho do..., e salvou na risca. Mais ou menos como foi o jogo agora de Inglaterra e Ucrânia. Foi na linha, só que aquela lá entrou, essa minha na verdade foi na risca. Eu trabalhei com uma comissão técnica na Arábia Saudita, ela era italiana, e eles me mostraram uma entrevista

do Zoff[50] dizendo que aquela foi a defesa da vida dele, aquela cabeçada. Foi a defesa que marcou muito a carreira dele. Ou seja, ele salvou ali. Depois daquilo ali não ia acontecer mais nada.

B. B.- E esse momento de elaborar pós-jogo esta derrota diante deste clima que caminhava para um clímax e de repente era um anti-clímax. Como é que o grupo...? Não tem mais pandeiro, não tem mais festa. Como é reagir?

J. B. – Não teve festa. A torcida na rua de cabeça baixa, a gente não entendia. Aqui no Brasil cada jogo que fazia lá e ganhava, aqui tinha a comemoração nas ruas, nos bares, a gente media o que estava acontecendo. Mas o que acontece também é que o jogador, por outro lado, também se sente com o dever cumprido, entendeu? É o jogo que você pode ganhar, pode vencer, mas que você fez o melhor. O que eu podia fazer, eu fiz, eu dei, eu contribuí. Voltamos para o Brasil e ninguém foi hostilizado, todo mundo foi valorizado, todos jogadores foram respeitados e não houve ofensas. Até hoje o time é lembrado com muito carinho pelos torcedores. É uma gratificação muito grande que a gente tem, uma coisa que a gente tem que se apegar. Porque vai chorar as mágoas? Não tem mais como fazer nada, entendeu? Mas acho que a satisfação de dever cumprido existe em todo mundo, todo mundo voltou valorizado, ninguém voltou sendo criticado porque fez isso, fez aquilo. Acho que foi bom para todo mundo.

F. S.- Ficou uma sensação boa entre os jogadores que participaram daquele time em relação a "poxa, como foi bom jogar com esses caras"? Por que no jogo contra a Escócia, na nossa pesquisa, a gente pegou algumas declarações e o Falcão falou sobre você, que você naquele jogo tinha mostrado a maior qualidade que um jogador pode ter, que é não fazer aquilo que ele não sabe, fazer unicamente aquilo que ele sabe que pode fazer.

J. B. – Eu acho que sim. O Falcão se refere porque eu, na verdade, era o que o Telê sempre falava. Ele me citava como exemplo por que eu ia lá, era para cabecear, eu cabeceava e retornava. Se fosse para eu bater uma falta, eu ia chutar na barreira. Não era o meu forte. Ou eu ia fazer um gol se sobrasse

50 Refere-se a Dino Zoff, ex-goleiro da Juventus (ITA) e Seleção Italiana.

uma bola lá ou eu ia fazer um gol de cabeça mesmo. Não era meu feitio querer driblar ou enfeitar. Meu negócio era simples e feijão com arroz. Talvez seja isso que ele quis dizer. O Falcão, o Zico, o Sócrates e o Éder eram jogadores técnicos, de habilidade. Mesmo o Luizinho[51], que estava do meu lado, era um jogador mais técnico. Eu era mais de velocidade, mais de força, mais de impulsão. Talvez seja isso que ele quis dizer. E está correto [risos].

B. B.- Em 1978, o Coutinho tinha criado essa expressão "campeão moral". Ficou um pouco essa sensação, quer dizer, a tristeza com a derrota mas o reconhecimento de uma qualidade extraordinária, que por circunstâncias individuais nos noventa minutos não conseguiu chegar?

J. B. – A gente está lá jogando, vencendo, fazendo isso, fazendo aquilo, mas chegou a um ponto de um time tão entrosado, não digo perfeito, mas bem entrosado, bem equilibrado, jogando bonito, jogando bem, e vencendo, convencendo, que a gente não acaba tendo, não mede aquilo que o torcedor está pensando aqui. A gente, depois de certo tempo, até hoje, a gente vê o encanto que o torcedor tinha com esse time, de guardar, de lembrar como foi feito, como é que o time jogava, os gols que foram feitos, a reação de um e de outro. Então é uma coisa que valeu a pena.

B. B.- E gerou situações até curiosas no Brasil, porque o brasileiro valoriza menos a Seleção de 1994, que foi campeã do mundo, do que esta Seleção de 1982 que não foi campeã.

J. B. – Eu acho que marcou mais. É um time que jogou mais tempo junto. E depois nesta época de 1998 e dois mil e pouco, ai começou o Brasil começou a jogar fora do Brasil. Então não identifica muito mais o jogador com o torcedor, não é verdade? Eu acho, no meu ponto de vista, que tem que jogar mais aqui, tem que mostrar mais o jogador brasileiro para o brasileiro. Esse negócio de jogar lá fora eu acho que fica um negócio assim meio distante do time. Agora a Copa vai ser no Brasil, eu acho que os jogos tinham que ser mais aqui.

51 Luis Carlos Ferreira, "Luisinho" ex-zagueiro do Atlético-MG, Sporting (POR) e Seleção brasileira.

B.B – Se organizar um calendário para que tudo seja feito...

J.B. - Eu acho que tem que ser mais aqui, o torcedor tem que conhecer mais o jogador, chamar pelo nome, não pelo número. Muitos destes jogadores o torcedor não conhece, não sabe quem é ele, da onde é que saiu, aonde está jogando. Aparece lá jogando e o torcedor não sabe.

B. B.- Mas coincidiu. Foi um pouco a partir dos anos 1980 que essa diáspora começou a acontecer um pouco por força do mercado. O próprio Sócrates foi para a Fiorentina, o Zico foi para a Udinesse. E com você? Você já tinha tido essa experiência no Cosmos, teve algum momento em que essa atração centrípeta que a Europa exercia sobre vocês...

J. B. – Não, não. Eu estava muito satisfeito, jogava em um grande clube, não tinha a pretensão de sair mais não. Saí depois do São Paulo para encerrar a carreira no Japão. Eu tinha outra proposta que era para um outro time da Inglaterra, não um time de grande expressão, um time bom da Inglaterra. Mas eu acabei encerrando minha carreira no Japão mesmo.

B. B.- O apelo financeiro não te seduzia?

J. B. – Não era assim... Não tive tantas propostas de outros lugares, vou ser sincero a você. O mercado da Itália era fechado em 1982, não era aberto. Estava abrindo e criando, no ano anterior que tinha aberto.

B. B.- O fato de você ter ascendência italiana em algum momento te interessou em ir jogar na Itália?

J. B. – Eu não pensava e também não me recordo de propostas não.

F. S.- Em 1983 as coisas começam a mudar dentro do São Paulo. Porque em 1983 o Careca chega, em 1983 o Serginho sai do São Paulo, em 1984 depois o Valdir Peres sai do São Paulo, em 1985 começa a geração que é chamada de

"Menudos do Morumbi" com o Sidnei[52], o Muller[53], o Silas[54] e você passa por todo este período continuando no São Paulo. Como é que foi para você essa mudança de geração entre o pessoal que estava lá quando você chegou e saiu e este pessoal que chegava e te via já como um líder estabelecido muito grande?

J. B. – Foi uma fase boa. O Muller e o Silas eram juniores e o Cilinho gostava sempre de fazer treinos coletivos com o time da base. Ou ele escolhia uns três garotos que estavam se sobressaindo na base e ficava ali aguardando. Jogava o time B do São Paulo contra o time A e eles sempre entravam no time de baixo, os garotos entravam no time reserva do São Paulo. Então ali que ele começou a preparar os meninos. Então foi assim. E também em um momento de necessidade que ele começou a puxar os garotos para cima. Mas eles foram preparados para jogar, não foi que nem eu que cheguei de "sopetão". Eu me recordo muito bem do Cilinho falando com o Muller, conversando com ele. O Silas, o primeiro jogo do Silas, a primeira viagem do Silas foi para Londrina, quando nós fomos fazer lá um torneio entre Londrina, São Paulo e Palmeiras, lá em Londrina. O Silas até ficou no meu apartamento junto com um japonês amigo meu que estava visitando e acabou ficando com ele lá. E o Muller era meio soninho para jogar, ele era meio avoado e tal [risos]. O Cilinho falava: "Muller, essa jogada vale uma Mercedes na garagem, gasolina azul [risos]." E é verdade, houve muitas repetições com o Muller até que criou coragem e começou a despertar e jogar. Aí o Muller começou a jogar e ele veio em mim e falou: "Oscar, estou querendo botar um brinco, você acha que vai cair mal?" [risos]. Eu falei: "Ó não há problema, o Maradona usa brinco. Você também pode por, mas você tem que jogar senão os caras depois não vão engolir esse brinquinho seu não. Você põe o brinco, mas joga para caramba que não vai ter problema." E é verdade. Ele botou o brinco e começou a arrebentar e jogar. Todos eles, os meninos. Então foi assim.

---

52 Sidney José Tobias, ex-ponta esquerda, rápido e habilidoso. Jogou no São Paulo, Portuguesa e Flamengo.

53 Luís Antônio Corrêa da Costa, o Muller, atacante nos anos 1980 e 1990 e um dos poucos jogadores a atuar em cinco grandes clubes de São Paulo: São Paulo, Palmeiras, Santos, Corinthians e Portuguesa.

54 Paulo Silas do Prado Pereira, Silas, meia que jogou pelo São Paulo e San Lorenzo (ARG).

F. S.- E essa geração dá certo, porque o São Paulo é campeão paulista de 1985, depois o Falcão até chega no São Paulo para jogar, só que você quase não joga a final, porque você tem um problema intestinal, você passa toda a preparação para aquele jogo contra a Portuguesa... Como é que foi?

J. B. – Eu tive uma indisposição alimentar, sei lá o que aconteceu. Então eu estava me sentindo mal, mas queria jogar, acabei jogando. Mas depois do jogo me senti muito mal. É aquele jogo com a Portuguesa que você está dizendo?

F. S.- Isso, isso.

J. B. – O Luis Pereira ia jogar no time da Portuguesa. Foi um jogo difícil, a Portuguesa tinha um time muito bom. Teve um lance que ficou muito na memória, não sei se você recorda, que o Edu Marangon[55] no meio do campo tentou encobrir o Gilmar e quase que fez o gol, quase que surpreendeu. Ficou muito marcado esse lance aí. O time da Portuguesa era um time forte.

B. B.- O Felipe comentou desse momento de entressafra no próprio São Paulo, mas também na sua vida pessoal há um momento de mudança. Em 1984, você se casa e em que isso muda sua vida como jogador? Você disse que já tinha um perfil, um temperamento mais quieto mesmo.

J. B. – Não, não mudou nada não, foi tranqüilo, minha vida de solteiro para casado. Eu me casei com quase trinta anos, eu acho que já tinha visto de tudo, aproveitado um pouco mais a vida. Eu era bem caseiro, foi até melhor.

B. B.- Ao mesmo tempo, a Revista Placar dizia que você era um dos solteiros mais cobiçados, que você recebia cartas...

J. B. – Eu na Ponte Preta quando voltei da Copa de 1982 eu levava um saco de cartas. O Juninho[56] e o pessoal me ajudavam a ler as cartas [risos], nós ficávamos lendo as cartas, um saco de cartas.

55 Ex-meia da Lusa, Palmeiras e Santos.
56 Juninho Fonseca.

B. B.- As fãs?

J. B. – É, e no São Paulo é mesma coisa, em time grande todo jogador recebe. Isso é uma coisa normal, chegar setenta, oitenta cartas por dia. Das fãs do São Paulo [risos].

F. S.- E você também começa a ser garoto propaganda de algumas marcas. Você foi garoto propaganda do Ovomaltine, você fez propaganda da Mitsubishi também, da TV que tinha garantia até a Copa.

J. B. – Da Le Coq Sportif, que estava entrando no Brasil, algumas coisas. Lá em Campinas também. Eu acho que todo o clube que estava passando por um bom momento, que começa a se sobressair, valoriza todo mundo. Valoriza o treinador, valoriza os jogadores e então começa a aparecer algumas coisas ao lado para acrescentar. Foi bom.

B. B.- Mas essa exposição do jogador na sociedade. Me lembro que, na época, a propaganda que o Gerson[57] fez causou grande polêmica porque ele dizia "que o importante era levar vantagem em tudo". Até que ponto vocês têm a dimensão da exposição, daquilo que vocês falam influencia, é um modelo, quer dizer, dá para lidar bem com essa visibilidade que vocês têm na sociedade, saber os limites, até aonde você pode ir, se expor?

J. B. – Eu acho que o Gerson, o que ele falou, na verdade não foi criado por ele. Ele falou o que pediram para ele falar. Talvez ele não tinha, na época, pensado na dimensão que isso pudesse tomar. Depois veio a polêmica em cima, começa também a colocar outras perguntas em cima daquilo que o cara está falando, mas não é uma coisa que ele quis dizer do lado pejorativo, com certeza. A gente sabe que o Gerson teve uma carreira brilhante, foi uma boa pessoa, um bom companheiro. Talvez tenha sido mal interpretado, com um pouco de maldade também.

B. B.- A sua gana e a sua motivação de jogar pela Seleção Brasileira, pela

57 Gérson de Oliveira Nunes, ex-meia do Botafogo, Flamengo, São Paulo e Fluminense.

Copa de 1986, como é que naquele momento isso se colocou para você, a Copa no México?

J. B. – Em 1986 o time também era muito bom, um time mais renovado. Estava jogando com o Careca, [inaudível]. O Careca estava em 1982 mas foi cortado uma semana antes do jogo.

B. B.- Em 1986 foi o Renato Gaúcho[58].

J. B. – O Renato Gaúcho não se apresentou no aeroporto para viajar.

B. B.- E ele já tinha uma má relação com o Telê também, o que contribuiu para ele...

J. B. – Não sei qual era o relacionamento dele com o Telê, mas foi um problema, sei lá, acho que era para dar um apoio para o Leandro, que tinha sido cortado, alguma coisa assim. E então era um time meio renovado, era um time bom também, tinha um jogador que viajou mas ia ser cortado lá no México, acho que dois jogadores iam ser cortados lá no México. Eu era o capitão do time até uma semana antes de começar a Copa. Acabei ficando na reserva, eu e Falcão fomos trocados, ele optou por outro jogador. Então eu não joguei, fiquei todos os jogos no banco, não participei de nenhum jogo.

B. B.- Tendo sido titular em 1978 e 1982 imagino que...

J. B. – Em 1978 e 1982 eu também fui escolhido como seleção da Fifa. E em 86 saí daqui como titular, como capitão, e uma semana antes acabei ficando de fora.

B. B.- Foi... É muito difícil?

J. B. – É, é uma coisa que a gente não espera e não quer. É aquele negócio: na hora de você aproveitar, de comer, você só vai lamber os lábios [risos]. Mas não teve nenhum problema meu com o Telê, tanto é que depois da Copa o Telê me

58 Renato Portalupe, ex-atacante do Grêmio, Fluminense.

convidou para ser seu assistente no São Paulo, eu fiquei com ele um ano. Ele ia deixar de ser treinador e queria que eu assumisse o posto dele. Mas no meio do caminho eu tive um convite da Arábia, acabei indo para lá e até o Muricy[59] ficou no meu lugar e acabou fazendo essa bela carreira como treinador. Então foi assim. Na minha carreira eu tive bons companheiros, tive bons profissionais também que me ensinaram muita coisa. Eu creio que o jogador, depois dos trinta anos, ele já deve, se ele tem a intenção de ser treinador, ele já deve começar a observar o que está acontecendo no ambiente dentro de campo, as mudanças, os treinamentos. Eu acho que tem que já começar marcar em casa, no papel, as experiências que ele pode aproveitar para depois quando ele parar. Porque eu digo para você uma coisa: eu mesmo não fiz isso, fiz isso já com trinta e três, trinta e quatro anos, quando eu comecei a observar mais. Poucos jogadores que param estão aptos a assumir um time de futebol. Os jogadores hoje podem pensar em aproveitar alguma coisa a mais de seus treinadores, de seus ambientes, de seus diretores, do ambiente do futebol e ir anotando. Pegar isso como experiência e já começar a estudar para não ser um treinador precoce.

B. B.- O fato da carreira do jogador ter essa peculiaridade, você acaba encerrando sua carreira...

J. B.– Mas você encerra como jogador, mas você não está preparado para dar um treino, é diferente. Não é porque foi jogador que você vai lá dar um treino, quero ver a qualidade. Não é só fazer um coletivo e apitar o jogo, não é mandar o cara chutar a bola no gol. Tem que ter uma certa "tática"[60] dentro disso aí.

B. B.- Por outro lado, o treinador que nunca jogou, você acha que ele perde também pelo fato de não ter experiência dentro de campo?

J. B. – Eu acho que perde em muitas coisas, mas ele aprende também dentro do campo. Só se não for do ramo mesmo, mas acho que poucos não atuaram nem como amador. Nem todo mundo tem a chance de ser um jogador famoso

59 Muricy Ramalho, ex-meio campista do São Paulo, atual treinador do Santos.
60 Mais próximo do que foi possível ouvir e grafar.

ou ser profissional, mas jogaram na sua cidade, jogaram no seu bairro como amador. Acho que não é possível que uma pessoa que nasceu dentro de um apartamentozinho, gostou do futebol, se interessou, foi estudar Educação Física e virou treinador. Acho que tem que ter uma certa experiência de campo. É importante.

F. S.- Voltando um pouco à Copa de 1986, o ambiente já não era tão bom, já tinha havido algumas tensões na preparação para aquele torneio. O Zico tem o problema dele no joelho, o Falcão também vinha de uma cirurgia no joelho, Sócrates também convivia com alguns problemas físicos. No processo de treinamento, novamente na Toca da Raposa, o Telê teve que fazer alguns cortes até chegar aos vinte e dois da lista final. Foi um pouco mais difícil conviver com aquele grupo?

J. B. – Não, com o grupo não teve problema nenhum, foi tranqüilo com o grupo. Como eu disse para você, o Telê chamou um ou dois jogadores a mais por causa do Zico, não sabia se o Zico ia poder jogar ou não. Então a observação era muito em cima do joelho do Zico, se ele ia poder jogar. Então foi um ou dois jogadores a mais, mas foi o Cerezo que foi cortado e ficou o Dirceu no lugar do Cerezo. Porque ninguém sabia se o Zico ia poder jogar. E o Zico jogou, inclusive contra a França, mas não estava nas suas melhores condições de jogar. Ele entrou frio, bateu o pênalti que errou, depois na decisão ele acabou fazendo, mas ele estava sentado do meu lado, eu via o trabalho dele todo dia, de fisioterapia, estava com o joelho inchado. De fato, era um problema mais sério, mais grave. Ele não pôde jogar, não foi o Zico que ele sempre era.
B. B.- O fato do Brasil não ter conseguido também um título nesta oportunidade, havia já dezesseis anos que o Brasil a cada quatro anos ia e não conseguia, em geral a imprensa busca um bode expiatório, busca alguém para culpar e responsabilizar. Muitas vezes o técnico, mas às vezes um jogador individualmente. No caso do Zico, o fato dele ter perdido, internamente como é que foi vivido isso? Culpa do Zico ou era culpa do grupo?

J. B. – Não! Imagina se é culpa do Zico! O Zico só contribuiu, o Zico é uma pessoa maravilhosa, ele decidiu muitos jogos para a seleção. Eu jogava lá atrás tranqüilo, porque eu sabia que se não tomasse gol, lá na frente não ia ficar

zero a zero, entendeu? Tinha Zico, tinha Éder. Se tivesse uma falta para o lado esquerdo, o Zico batia; para o outro lado, o Éder batia. Alguma coisa ia acontecer, na velocidade, na tabela. A gente sabe que o Zico foi para o sacrifício, entendeu? Com o merecido respeito que os adversários tinham com ele...ele estava no banco, ele entrou no jogo. O jogo estava empatado e ele podia tentar fazer alguma coisa. Então foi isso, ele foi para o sacrifício, ele não estava em suas melhores condições, não é culpado de nada e nunca vi alguém falando nada dele. Decidiu muitos jogos pelo Brasil, foi uma figura importante, foi um bom companheiro e tinha bom relacionamento com todo mundo apesar do nome e daquilo que ele representava.

B. B.- Voltando a este tema do bode expiatório, que é muito forte no meio brasileiro. O fato então talvez do técnico ter designado ele para bater um pênalti não estando ele em condições, o erro talvez não foi justamente pedir para ele bater o pênalti?

J. B. – Ele estava frio, ele estava no banco frio. Ele estava do meu lado, acho que ele não esperava entrar na partida também não.

B.B. – O erro foi em pedir justamente para ele bater o pênalti?

J.B. - Ele tinha confiança em bater, mas sabe como é que é, Copa do Mundo, não sei se todo mundo quer bater [risos]. Se fosse eu, eu não iria pedir para bater, eu só bateria pênalti só se fosse o último. "Agora tem que ser você, o goleiro já bateu, sobrou você." Então eu bato, mas não era o meu forte.

B. B.- Aquela condição psicológica de você ter a responsabilidade.

J. B. – Mas nem como amador nem como treino. Cada um tem que saber aquilo que sabe, o meu negócio não era esse. Agora, o Zico era um exímio batedor de pênalti. Quem ia esperar que o Zico ia errar o pênalti? Com uma perna só a gente tinha confiança que ele ia bater e ia fazer.

F. S.- Você volta daquela Copa de 1986 e ao mesmo tempo você começa a ver o seu ciclo no São Paulo se encerrar. O São Paulo é campeão brasileiro em

1986, já em 1987 por sinal a final contra o Guarani, só que você não participa daquela final, você está contundido. Você começa a ter problemas com alguns técnicos como o Pepe[61], você teve até alguns desentendimentos com o Cilinho até que você encerra seu contrato com o São Paulo. Como é que foi este final de passagem? Foi traumático você deixar o lugar onde você fez história por sete anos?

J. B. – Não, foi assim tranqüilo. Eu voltei e operei o joelho. O Cilinho montou o time, estava jogando bem. Aliás, foi o Cilinho uma época, mas nessa final aí não foi o Cilinho, foi o Pepe que até me pediu para ir para o banco porque eu não estava nem em condições de jogar mesmo. Mas tive alguns probleminhas lá com o Cilinho, mas coisa corriqueira, entendeu? Na verdade, para ser sincero, acho que era o meu ponto de vista e o ponto de vista dele. Mas eu acho que era dividido, talvez ele tivesse a razão, eu não estava rendendo aquilo que eu costumava render.

F. S.- Não é aquela coisa que fica mal resolvida? Aquela coisa que com uma conversa...

J. B. – Não. Mas aí começou a sair a oportunidade para eu sair e eu acabei mesmo, já estava com idade para parar. Como eu disse a você, eu já estava me preparando para ser treinador, para começar uma outra carreira. Tanto é que eu não tenho mágoa do Cilinho, que eu acho que ele é o melhor treinador do Brasil. Não tem ainda hoje melhor que ele. Na parte de campo que ele sabe, ele é uma didática. Ele entende muito de futebol. Então não tem assim um caso mal resolvido não de forma alguma. Eu sou amigo dele hoje também. Ninguém gosta de ficar no banco, de ser colocado de lado. Ele queria renovar o time e eu acabei entrando na renovação. Foi isso.

F.S. – Ai você vai para o Japão.

J.B. - E eu abri espaço e acabei indo para o Japão.

F. S.- Aí você vai para o Japão ainda antes do Zico chegar lá e desenvolver melhor

61 José Macia, mais conhecido como "Pepe" é um ex-futebolista e ex-treinador brasileiro, que atuou como ponta-esquerda.

o processo de profissionalização do futebol.

J. B. – Quatro anos antes do Zico.

F. S.- Como é que era jogar no Japão antes desta profissionalização?

J. B. – Era difícil viu, nós chegamos lá e comemos a carne de pescoço, o Zico já pegou o filé mignonzinho lá [risos]. No Japão, tinha estádios bons em Tóquio, tinha em Osaka e tinha em Kobe. E só. Em Kioto tinha um mais ou menos. Os demais, meu filho, era barranco. É verdade, era barrancão. O pessoal assistia o jogo, muito pouca gente. Aí, por exemplo, meu time era o Nissan. Hoje, depois de profissional, nenhum clube mais pode se chamar com nome de empresa, criaram um nome para os clubes. Meu time passou a se chamar Yokohama Marinos, um belo clube, uma bela estrutura. Fui campeão três vezes lá como jogador, todos os anos, e mais quatro vezes como treinador. O meu time dava ingresso para os empregados da fábrica irem torcer para o time, mas muito pouca gente ia. Então eles começaram a incentivar as empresas a irem assistir o jogo e dava ingresso para o torcedor gratuitamente ir ao campo. E tinha até treinamento para os torcedores de como torcer em campo. Eles não sabiam torcer [risos]. Ué, estou falando [risos]. Tinha treinamento para a torcida, para torcer. Então pegamos uma fase muito inicial do processo de profissionalização do Japão. E lá estava também o Ramos, que era um jogador mais conhecido que já morava lá e mais alguns outros brasileiros também que foram antes de mim. Assim, nomes mais conhecidos, eu cheguei junto com o Milton Cruz[62]. Aliás, estreamos juntos em um jogo amistoso que nós fizemos e acabei ficando seis anos lá no Japão.

B. B.- Com a família, filhos?

J. B. – Com a família. Já era casado, só tinha um filho, minha filha pequenininha foi junto. Foi uma passagem muito boa. No Japão tudo era difícil: comida, educação, língua, treinamento, clima não é? Neve, mas foi muito bom. E hoje, depois que o Japão foi sede da Copa do Mundo junto com a Coréia e ver hoje a que ponto chegou, você fechar os olhos e imaginar como era quando nós chegamos

62 Milton da Cruz um ex-jogador brasileiro, atualmente consultor técnico[1]do São Paulo. Eventualmente atua como técnico interino do time.

lá, puxa vida! Nossa senhora! Uma transformação.

F. S.- E dois anos depois que você chega lá, em 1989, você já para de jogar e já entra como treinador. Já era uma coisa que você já estava se sentindo maduro, exatamente por esse aprendizado que você teve depois dos trinta anos? De modo que, quando chegaram para você: "Você pode treinar no nosso time, a gente..."

J. B. – Eu com trinta anos eu achava que jogava muito mais do que com vinte e cinco. Tinha uma tranquilidade para jogar, lá mesmo no Japão, impressionante. Parecia que eu tinha uma confiança... Eu não era muito de bater com a perna esquerda, de virar jogo. Então você vai adquirindo aquela confiança. As dimensões do campo parecem que vão ficando mais fáceis conduzir o jogo. Eu estava jogando, e o meu treinador era uma pessoa muito esclarecida, muito boa e ele foi convidado para ser treinador da seleção. O nosso time lá ganhava sempre os campeonatos, ganhava os jogos e era um dos melhores times do Japão e ele foi convidado para ser treinador, e o clube me convidou para eu parar de jogar, que eu já tinha trinta e três anos, e assumir como treinador. Isso que eu fiz. Parei de treinar e assumi no ano seguinte como treinador. Então a maioria dos jogadores do time que eu conduzi eram meus companheiros de clube, que jogaram dois anos comigo.

B. B.- Isso era bom ou era ruim?

J. B. – Foi tranqüilo, foi tranqüilo. Eu dei uma renovada também, porque tinha uns meninos bons, que colocaram mais velocidade. Foi uma fase boa da minha carreira, da minha vida. Aprendi muito com os japoneses, com a vida japonesa, só contribuiu.

B. B.- E do ponto de vista do relacionamento? Eram seus ex-colegas de campo e agora estavam sob seu comando. Como é que era? Muda? Facilita?

J. B. – Mas o japonês, o japonês é o seguinte, sabe. Eles são muito profissionais, Eles são muito profissionais. Você falou que é assim, você não precisa ficar falando. Eu não falei que é assim? Eles já sabem que é assim, tem que ser assim. Então foi só separar: "Agora eu sou o treinador, eu quero que vocês

façam assim." Eles entendem perfeitamente. Não tem aquela de falar: "somos amigos, você vai me dar uma colher de chá, aqueles negócios." Não, agora eu estou em um posto diferente do que eu estava e vocês têm de fazer assim. Me respeitavam da mesma forma. Mas eu tinha liberdade com eles, eu sabia quem gostava de tomar sua cerveja, quem não tomava, não foi podado nada na vida deles. Pelo contrário, a gente tentou acrescentar alguma coisa a mais só. Eu era muito interessante, quando eu assumi de treinador lá no Japão, aliás, quando eu era jogador do meu time, o meu treinador japonês, o senhor Kamo Shu, ele dava os seus treinos e tudo mais, mas chegava no dia do jogo ele queria contentar todo mundo. [risos]. Chegava no jogo ele vinha e me dizia: "Oscar, eu vou começar com esse time aqui, o que você acha? E no segundo tempo eu vou pular esse aqui no lugar desse, esse no lugar desse e vamos fazer assim, assado. O que você acha?". Eu falei: "Kawa, vamos esperar para ver. Você vai tirar este aqui já? E se ele estiver jogando bem?" [risos]. Entendeu? Então era assim.

B. B.- Ele achava que tinha que botar todo mundo para jogar?!

J. B. – Ele queria contentar todo mundo. No intervalo ele já sabia, antes do jogo ele já sabia quem que ia sair. Eu achava que não, que você tem que esperar, às vezes o cara está jogando bem, não convém mexer, às vezes um outro se machuca. É assim, é um aprendizado.

(FINAL DO ARQUIVO II)

(INÍCIO DO ARQUIVO III)

Bernardo Buarque - No Japão como técnico para o Brasil, como técnico de um time do interior de São Paulo, a Inter de Limeira, não é isso?

José Oscar Bernardi - Eu voltei do Japão, eu fui convidado pelo Telê. Como eu falei para você no início, o Telê foi lá em casa e me convidou para ser treinador com ele, auxiliar dele, que ele ia... Isso foi em junho, em julho, e ele disse que em dezembro ele ia parar e eu ia assumir o lugar dele. Mas você sabe que o Telê

já tinha falado isso várias vezes e não aconteceu, porque no São Paulo a fase era boa, o time estava ganhando, estava conquistando títulos e a torcida exigia a presença dele. Aí tive um convite da Arábia, acabei deixando e indo para lá. Mas depois eu retornei, tive uma passagem na Inter de Limeira, depois fui para o Guarani, tive uma passagem também no Cruzeiro. Foram os clubes que eu trabalhei.

B. B- E na Arábia? Muito diferente da experiência no Japão, na Seleção Brasileira?

J. B. – Completamente diferente. Na Arábia, para mim o maior aprendizado de todos foi na Arábia Saudita. Ali a gente de fato aprende muita coisa, muita parte de trabalho de campo, fora do campo. Eu acho que quem pensa que já viu tudo tem que passar pela Arábia [risos].

B. B.- A família aceitava?

J. B. – Eu trabalhei em grandes clubes lá. Trabalhei a convite do Candinho[63], que foi também para a seleção. Fui substituir o Candinho, que tinha muita moral lá, muito nome lá no Al-Hillal. Posteriormente voltei para o Al-Shabab, que é um time bom, não com muita torcida, não era de massa. E nos últimos contratos acabei ficando três temporadas no Al-Ittihad, que é o time de Jeda, que era um time de massa, que seria Corinthians, um Flamengo lá da Arábia Saudita, um time muito bom. Mas eu digo, aprendizado não é somente dentro de campo. Fora de campo, digo de vida, do país, os clubes são ótimos, são bons, o árabe tem bons jogadores, mas é de choque cultural.

B.B. – Choque cultural, choque de vida.

J.B. - A vida de um modo geral, tem muita coisa engraçada, muita coisa para escrever um livro [risos].

B. B. - A família se aceitava esse ir e vir?

63 José Cândido Sotto Maior, mais conhecido como Candinho, é um ex-treinador e ex-jogadorbrasileiro, que atuou como zagueiro. Atualmente, é o gerente de futebol da Portuguesa.

J. B. – Teve que se adaptar a tudo, um pais muçulmano, diferente daqui, os costumes. Mas eu nunca tive nenhum problema, fui muito bem tratado, sou muito bem relacionado e querido nos clubes por que passei, tenho as portas abertas lá. Meus amigos que ainda continuam lá, trabalhei com muitos brasileiros que também me ajudaram a conquistar bastantes títulos lá na Arábia. Foi uma passagem muito positiva minha lá na Arábia. Eu não voltei questão de dois anos atrás porque eu, de fato, não queria mais trabalhar como treinador. Eu dei uma parada por questão mesmo de família. Quando eu fui para o Japão, eu tinha uma filha, ela tinha um ano de idade, você leva para onde quer. Depois quando os filhos crescem e chegam em idade escolar, atrapalha os filhos. Pega um pouco de aula em inglês, depois aula em japonês, depois é português e acaba atrasando os filhos. A idade dos meus filhos, do primeiro para o segundo, é um pouco grande para o terceiro. Então às vezes eu ia com os pequenos e os grandes ficavam aqui com a avó, separava os irmãos. Então eu dei um tempo como treinador, acabei me tornando agente FIFA e também já parei como agente FIFA agora novamente. Pretendo no futuro retornar como treinador. É o que eu sempre digo: aonde eu ganhei dinheiro, aquilo que eu fiz de mais certo foi dentro do futebol. As outras coisas que eu fui mexer fora do futebol eu não fiz bem feito ou não fiz do jeito que eu queria. Acho que a gente tem que fazer aquilo que sabe mesmo e é o que eu estou pensando em fazer.

B. B.- E como técnico como é que era o seu estilo? Você é mais de falar, de intervir ou esperava chegar no vestiário para passar a sua...

J. B.- Eu é o seguinte, eu sou mais de campo. Eu gosto mais do trabalho de campo, de treinamento. Eu acho que a conversa de vestiário ela é importante, mas a preleção... Vamos dizer assim o Telê Santana, um exemplo: a palestra dele era sentado. Ele sentava aqui, os jogadores ficavam de frente, ele não levantava para dar palestra. Não tinha lousa para riscar, não ia lá riscar: "o X para lá, a seta para cá." Não. Porque? Porque o trabalho do campo, da semana, já tinha sido feito. Então a preleção era mais você relembrar aquilo que foi feito na semana, as bolas paradas, coisinhas assim. Porque depois também a preleção de mais de vinte minutos, meia hora, se torna cansativa e a cabeça do jogador vai para outro lado, ele não está prestando atenção no que você está falando. Tanto é que eu, quando eu ia começar minha preleção na Arábia e no Japão, eu pegava um jogador e perguntava: "contra quem é o jogo hoje?" Só

para ver a reação do cara e ver se ele estava ligado. Uns demoravam para falar [risos]. Então eu acho que se você posiciona o time durante a semana, a preleção, eu acho, tem que ser dentro de campo, da forma como você vai jogar, na minha opinião. Você dá a preleção dentro de campo: "eu quero que faça assim, assim, assado" e mostra como fazer dentro de campo. Eu acho que o jogador assimila muito mais, têm muitos jogadores, muitos colegas meus, até eu mesmo quando tinha pouca idade na Ponte Preta, eu também não entendia o espaço do campo aonde eu tinha de atuar. Tem gente que não consegue transferir você ali para dento do campo. Lá dentro do campo é o mais importante. A cobertura, o passe, fecha aqui, fecha ali... Ultrapassagem por dentro, por fora. Eu acho que... É o meu modo de ver, o meu modo de trabalhar.

B. B.- O fato de você ter sido zagueiro influiu na sua visão sobre a estratégia tática do técnico? Ou seja, você privilegia primeiramente a defesa, o setor de marcação, para em seguida pensar na...?

J. B. – Eu acho que sim, eu tinha esta consciência disso aí. Quando eu fui treinador, eu gostava muito de copiar os times europeus, mais os times europeus. Com todo respeito, eu gostava muito do Cilinho, mas eu achava que não eram todos treinadores do Brasil que tinham essa facilidade que o Cilinho tinha de enxergar, de ler, no caso o seu Telê Santana. Eu gostava muito de ver o time do Milan jogando, aquele time do Baresi, do Van Basten[64]. Era um time, o posicionamento do meu time era parecido. Não com a mesma qualidade, mas eu acho que o posicionamento eu gostava de copiar.

B. B.- Agora já nos encaminhando para o final, nós estamos aí as vésperas de uma Copa do Mundo que vai ter um sabor, um significado especial pelo fato de o Brasil ser o país- sede. Inclusive você comentou que o seu resort é um dos candidatos para receber delegações, seleções mundiais. Você com esse olhar de jogador e de treinador, como é que você vê a Seleção Brasileira para a Copa de 2014?

J. B. – Eu acho que o Brasil, por sorte, está tendo uma geração de bons valores que estão surgindo aí. Lógico que tem que dar um tempo para eles, para adquirir entrosamento, porque não é fácil vir um de um lado, outro de outro e compor e

64 Marcel "Marco" van Basten, ex-jogador e atual treinador holandês.

achar que já vai dar tudo certo. Como eu disse, os times de 1982 e 1978, os times eram bons, mas ficou dois meses treinando junto. Hoje, não sei se consegue fazer isso. Eu acho que, por ser uma Copa do Mundo no Brasil, eu acho que teria de se fazer um sacrifício por parte da CBF de remunerar os clubes para trazer estes jogadores para ficar mais tempo juntos. E jogar mais vezes, mais amistosos. Mas não dois meses, todo mês pelo menos uns dois jogos para ir buscando entrosamento. Eu até cito um exemplo de quando eu estava no Japão, na época da Copa do Mundo, das Eliminatórias, o Japão fez uma coisa interessante, que aqui eu não sei se poderá ser copiado, mas talvez para a Olimpíada, sim, com jogadores mais jovens. O Japão, na Olimpíada, colocou um time olímpico disputando o Campeonato Japonês como convidado. Para quê? Para dar mais experiência e mais entrosamento para o time. Uma coisa que eu achei..., uma coisa a ser copiada. Não sei se os clubes iriam permitir, mas se não fossem jogadores..., pode ver, um time jovem, não sei se o campeonato da Série D, da Série C, ou um regional, seria interessante.

F. S.- Só para terminar, uma última pergunta. Qual a principal diferença que você colocaria entre o futebol da época em que você começou para o futebol atual?

J. B. – A diferença?

F. S.- A principal diferença.

J. B. – Eu acho que a diferença tem um lado bom e um lado ruim. Eu acho que está mais...Tem assim, o futebol brasileiro teve umas pequenas mudanças. Copiou algumas coisas de fora ruins, outras boas. Quando eu disse a respeito de treinadores, eu acho que tem muitos treinadores que tem agora no Brasil, jovens, que tem uma certa dinâmica, um estudo mais em cima dos adversários, mais de como fazer, mexem mais nas peças, nos botões, mais estratégicos os treinadores de hoje. Por outro lado, ele não tem tantos bons jogadores técnicos como tinha no passado. Sempre teve no passado, mas estou dizendo da minha época. A mudança não foi tanta. Se você vir os times de 1982, 1986 já jogavam com certa velocidade. Não é aquele negócio de, vamos dizer, de 1970, que já era mais lento. Aquele caso do Gerson que deu sinal para o Pelé com a mão, deu dois toquinhos para frente, aí deu aquele lançamento. Hoje não se consegue

fazer isso, a marcação encostou mais, a parte física foi aprimorada, os jogadores têm uma maior dinâmica dentro de campo. Então eu acho que é por esse lado que eu vejo. A parte tática também houve algumas mudanças, antigamente era mais aberto, não tinha dois cabeças de área de marcação, três. Hoje povoou mais o meio de campo porque sabe que onde são criadas as jogadas, é no meio de campo. Então os treinadores acabaram dificultando esse trabalho do adversário ali no meio. E também houve a tentativa de implantar no Brasil aquele sistema de jogo europeu do 3-5-2, do 3-6-1, ou seja, de passagens mais dos laterais e definir, porque a maioria dos times jogavam com dois enfiados, então marca esse dois aqui, um sobra, vamos trabalhar mais em cima do resultado. Então houve essas mudanças de táticas, técnicas. A técnica, eu acho que apareceram sim bons jogadores, sempre teve. No Brasil e em outros lugares teve. No Brasil eu acho que é o país que mais tem mudanças de valores, tanto é que saem do Brasil mais de mil jogadores para o exterior. E o Brasil de hoje, que jogou o último jogo contra a Argentina, em relação à Copa do Mundo passada, eu acho que não teve nenhum jogador. Nenhum. Eu estava falando com o meu filho Mateus esta semana, vendo o jogo da Inglaterra. A Inglaterra, e outros países, esse jogadores são os mesmos que jogaram a Copa. O Rooney é um jogador que está ali há vinte anos fazendo sucesso, a renovação dos outros é mais lenta, não tem tanta renovação como nós temos aqui. Felizmente nós temos essa facilidade. E hoje nós estamos fazendo uma mudança, eu acho que positiva porque nós temos bons meninos, muito interessantes. Que treinados e valorizados, e também dando a eles um determinado tempo para treinamento e eles pegarem confiança, mais eles vão produzir e dar mais alegria para a gente. Eu acho que é uma geração boa.

B. B- Oscar, gostaríamos de agradecer você imensamente por ter nos recebido com toda a paciência, mais de duas horas de gravação para esse que vai ficar como acervo do seu depoimento, das suas lembranças, da sua trajetória no futebol nacional e internacional. Muito obrigado.

J. B. – Eu que agradeço de fazer parte do acervo do Museu do Futebol. Lógico que tem muita coisa para contar, vai falando, vai lembrando, vai mexendo, mas de qualquer forma foi bacana de participar. Muito obrigado.

[FINAL DO ARQUIVO III - FIM DO DEPOIMENTO]